

# ESTÓRIAS DO VOVÔ ZACHARIAS



PEDRO ARI VERÍSSIMO DA FONSECA



Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

## Estórias do vovô Zacharias



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2013



Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

## **Estórias do vovô Zacharias**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Contos, folclore, -Passo Fundo: Ed Diário da Manhã, 1991. 58p.; 22cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilhaqual 3,0 Nao Adaptada.](#)**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 13/05/2013

F676e Fonseca, Pedro Ari Veríssimo da  
Estórias do vovô Zacharias [recurso eletrônico] /  
Pedro Ari Veríssimo da Fonseca. – Passo Fundo :  
Projeto Passo Fundo, 2013.  
E-book (formato PDF).  
ISBN 978-85-64997-99-8

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura gaúcha. 3.  
Crônicas. I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## **APRESENTAÇÃO**

João Zacharias Martins (1898-1990) é meu sogro. Nasceu no dia de São Zacharias, em Lagoão, distrito de Cruz Alta, onde seu pai era médio proprietário e vivia da criação de gado, venda de madeiras, roças e de alugar campo para pouco se tropas e de tropeiros. É nesse ambiente rude onde a mulher não tomava parte que o menino Zacharias aprendeu a contar causos. Em 1935, já artífice da Viação Férrea, ganhou um passe para visitar a Exposição Farroupilha e conhecer a capital do Rio Grande do Sul. Em 1962, levei-o para conhecer o “mar-oceano” na praia do Cassino, onde provou da água e se convenceu que era salgada.

Já com os meus cinco filhos crescidinhos, o vovô Zacharias sentava-se à mesa e mantinha-os atentos e excitados, ouvindo os velhos causos do tempo das carretas. Um dia veio-me a ideia de registrá-los num gravador de som. As crianças já estavam grandotas e elas mesmas se encarregaram da tarefa. Nas horas vagas, transcrevi os registros. Em 1982 resolvi publicá-los no DIÁRIO DA MANHÃ. Foi necessário que eu cortasse as passagens repetitivas e desse uma forma mais linear, mas mantendo a linguagem e o estilo dele.

Encontrei muita gente que passou a comprar o jornal e a recortar os causos. Resolvi enfeixa-los em um livro, bem da maneira como haviam sido contados.

Não gostei do trabalho que fiz.

Em novembro de 1983, o meu caro amigo Barbosa Lessa aparece aqui por casa para tomar um mate. Conversa vai, conversa vem, falei-lhe da minha frustração. Ao se despedir, levou o conto A GUERRA ENTRE O TIGRE E O MACACO, para dar uma olhada e mais alguns outros. A resposta não se fez demorar:

“Pois os referidos causos me parecem uma notável exemplificação do que seja a narrativa folclórica”, e mais “Seja pelo conteúdo, seja pela forma, os causos me cativaram como documento folclórico”.

“Mas se passarmos para outro terreno – o da edição de uma obra de LITERATURA dedicada ao público em geral – os causos do Zacharias precisariam, talvez, receber uma reformulação, pequenina, no tocante às redundâncias, repetições; e, como a maioria dos personagens não tem nome, o leitor fica meio confuso diante de um “ele” ou “ela” que pode ser tanto o Fulano como o Sicrano”.

Animado por essa opinião pessoal, comecei tudo de novo. Aguardei a resposta.

De qualquer maneira, pessoalmente eu achei formidáveis os causos. Pela autenticidade e espontaneidade.

“Ressurge aqui o problema do “ele” a que já me referi desde o princípio. De nome aos personagens”.

Acontece que o único conto com nome próprio era o do Padre José Francisco. Nenhum outro conto tinha título. Inventei nomes e títulos. Recebi uma longa carta abordando vários assuntos e, lá no finzinho, “Basta dar uma olhada nos 36 títulos e já se vê a bela contribuição que estás dando à literatura sul-riograndense em geral e à serrana, em particular. Meus cumprimentos! Sucesso!”

Obrigado amigo Lessa, aprendi muito;

Junho de 1991,

PEDRO ARI VERÍSSIMO DA FONSECA



## **Sumário**

APRESENTAÇÃO .....	7
O GALO E O GRAXAIM .....	11
JOGO DE PRENDA.....	12
O DIA DA MORTE .....	14
O CASAL DE VELHOS.....	17
O COXO E O CALVO .....	20
O PARALÍTICO.....	23
O CARRAPATO E A AVESTRUZ.....	25
O SAPO E O VEADO .....	26
O SAPO NAMORADOR .....	27
A REFEIÇÃO DO LEÃO .....	28
O BAILE DOS CACHORROS.....	29
NA ALEMANHA TUDO É GRANDE .....	30
O ABRAÇO DO TAMANDUÁ .....	31
COMO CORTAR CIPÓ.....	32
A LINGUIÇA DE FUMO .....	33
OS DOIS VELHACOS .....	34
O REI DOS PÁSSAROS.....	36
O PAPAGAIO E O JARDIM.....	37
O ANEL DA BARBONESA .....	38
O CASO DO FUMO PODRE .....	40
A PANELA MISTERIOSA .....	42
O PÁSSARO MISTERIOSO .....	43
A VELHACA DO PEDRO.....	44
O INVERNO.....	45
O TRATO DO PEDRO MALAZARTE COM O DIABO .....	47
O MATUNGO DO MACACO.....	52
A GUERRA ENTRE O MACACO E O TIGRE .....	54

A ESTÓRIA DO PADRE JOSÉ FRANCISCO.....	61
O FORÇUDO.....	64
O MÉDICO E O FARMACÊUTICO .....	67
O LADRÃO E O SAPATEIRO.....	72
A ESTÓRIA DA PITA.....	76
O CAÇADOR MEDROSO.....	89
O GALPÃO MAL ASSOMBRADO .....	91
TEM QUE TER VENENO .....	94



## **O GALO E O GRAXAIM**

O galo estava empoleirado na parreira e veio o graxaim com interesse em pegá-lo. O graxaim, muito astucioso, puxou prosa.

- O senhor sabe que agora há um novo decreto do Rei? Pela nova lei do Rei dos Animais está proibido um bicho de matar outro, nem você pode me matar, nem o cachorro pode te pegar. O homem não pode mais fazer mal a você. Desça daí que eu vou te contar o caso direito. O galo, que já era cismado com o graxaim, maliciou que aquela conversa toda era astúcia para pega-lo. Então espichou o pescoço, botou as asas na testa para proteger as vistas do sol e ficou na ponta dos dedos, olhando firme.

- Espere um pouco aí, que eu vou vendo uma coisa...

- O que é que o senhor está enxergando?

- Deixe eu entender direito, deixe eu observar...

O galo continuava com o pescoço espichado, o graxaim desconfiado, levantou as orelhas, farejou o ar, caminhou em roda inquieto e, tanto foi, que perguntou de novo:

- Mas o que é que o senhor está enxergando?

- Deixe-me ver direito... Ainda não divulguei bem... Ah! Já vi o que é! Ali vem um homem com cinco cachorros e uma espingarda.

O graxaim, dizem, pulou a cerca de rachão, saiu pulando valos, touceiras de capim-guaçú e sumiu-se na barba-de-bode em direção à toca.

Empoleirado na parreira, o galo chamava, se rindo:

- Pare aí! Pare aí! Não se lembra mais do decreto?



## **JOGO DE PRENDA**

Antigamente quando rapazes e moças estavam em reunião, lá vinha um com a ideia de jogarem prenda. Então alguém escondia entre as palmas de suas mãos, juntas, um anel ou coisa parecida e ia passando suas mãos entre as palmas das mãos de todos os participantes, mas escondidamente transferia a joia para um destes. Ao final, perguntava: “Em que mão está a joia?” Tinham de acertar em que mão estava. Quem não acertasse, sofria uma pena, uma sentença. Esta consistida, por exemplo, em dar três voltas em roda da casa, ou chegar até a porta e latir como cachorro, ao que os outros gritavam: “Já pra fora, guaipecal!”, ou dizer qual o moço que ela mais gostava, se era uma moça, ou qual a moça que ele achava mais bonita, se era um rapaz.

Chamava-se o jogo de prenda.

Tanto foi que um garganteou que, se tocasse para ele sentença que dependesse de coragem, ele não tinha medo de nada. Combinaram de fazer para ele uma sentença rigorosa: a de ir até o cemitério e trazer um osso de defunto. Tinha de trazer o osso para justificar que esteve lá. Ai, como ele não adivinhou, deram-lhe essa sentença.

- Vou mesmo!

Jogaram uma dúzia de cerveja para os moços e uma dúzia de gasosa para as moças.

- Se você não trouxer o osso, tem de pagar; se trouxer, nós pagaremos.

Mas quando viram que ele tinha ido, combinaram que um outro fosse correndo na frente e desse um corridão nele. Então o outro saiu e se escondeu atrás de um túmulo.

O corajoso chegou ao cemitério e procurou até que achou um osso de defunto e pegou. Mas aí o que estava escondido gritou:

- Larga que esse aí é meu!

“Barbaridade, o dono está aí por perto” – pensou o corajoso, largando o osso. Aí foi para outro canto do cemitério, achou um caco de cabeça e pôs-se a examinar para ver se não era porongo. Viu que era um caco de cabeça mesmo.

Mas quando fez tenção de sair, ouviu a voz de novo:

- Esse aí também é meu!

- Tá mentindo! Você não pode ter osso em toda a parte do cemitério. Vou levar esse mesmo.

Saiu correndo. Ele saiu correndo e o assombro de atrás.

Os outros que estavam esperando:

- Ói, vem vindo aí! Vem num tropel! Vem um na frente e outro atrás!

Ele chegou e entrou por um corredor e foi direito lá onde estavam esperando. Chegou correndo e largou aquele osso.

- Peguem! Olhem, ligeiro porque o dono vem perto.

Tiveram que pagar a cerveja e a gasosa e ele ainda teve o direito de obsequiar as moças.



## **O DIA DA MORTE**

Era uma vez um granjeiro de 75 anos e que tinha uma plantação de arroz. Apareceu-lhe uma velha já arcadinha, apoiada num bastão.

- Hoje eu vim te buscar, chegou a tua hora.

- Mas logo agora que eu estou melhorando de situação? Tenho dezoito homens cortando arroz, outros trilhando. A safra vai ser boa e, com ela, eu me endireito na vida.

- É, mas chegou a tua vez.

- Eu te faço uma proposta: você tira dois dentre os melhores peões que eu tenho e me leva somente quando eu completar cem anos. Mas se você não vier no dia marcado, ai caduca o nosso compromisso e eu fico com o direito de viver para sempre.

- Não há dúvidas, tá feito o negócio: dois por um!

Assim que a Morte acabou de falar, aconteceu que os cavalos de uma carroça dispararam, o peão caiu e a roda passou-lhe por cima. Morreu. Outro peão ao se abaixar para pegar um feixe de arroz, uma cobra coatiara cravou-lhe as presas bem nos sangrador e o homem morreu na hora. O granjeiro, que sabia do negócio com a Morte, não se alterou. Recolheram os corpos. Cessou o serviço para enterro dos mortos.

Ficou combinado para a Morte vir dali a 25 anos, no dia em que ele completasse os cem. Quando faltavam dois anos para vencer o compromisso acertado, ele vendeu todos os bens que possuía e se embrenhou sertão a dentro, imaginando lograr a Morte: “Meto-me nesse sertão e nunca que ela me acha!”.

Foi entrando sertão a dentro, foi indo e, no dia em que estava completando cem anos, chegou num povoado, procurou um barbeiro,

mandou raspar a cabeça com navalha, raspou a barba, tudo. Ficou irreconhecível.

Por ali havia uma festa, com churrasco e baile. Os que vinham de a pé chegavam antes de escurecer, de sapatos e botas na mão. Vinham de longe, cruzando aguadas, cabeceiras de banhado e longas picadas. Só voltariam da festa à luz do dia. Os que vinham de a cavalo, de aranha e de carroça não tinha hora certa de chegar, nem de sair. O velhinho, agachadinho entrou na festança. Todo o mundo se admirou de vê-lo prosear e comer churrasco que dava gosto. O velhinho gostava de se divertir dançando e entrou para o salão. Dançava valsa, xote figurado de duas damas; pé leve num vanerão, cruzava a sala de um lado ao outro na rancheira de carreirinha; dançando um bugio, não havia quem o igualasse. Todo o mundo se admirando de ver o velho se divertir. Quando faltava meia hora para meia noite, entrou no meio daquele povo uma velhinha, agachadinha, apoiada num bastão procurando por ele – ele se chamava Joaquim. Ela foi até o dono da casa e perguntou: - O senhor não sabe me informar se está aqui, na sua festa, um tal de Joaquim. Ele é bem velho!

- Há tanta gente aqui que eu convidei e outras que vieram sem convite, que eu nem sei. Isto aqui é uma festa do povo. Se a senhora o conhece, entre e vá olhando. Tem gente no galpão, na cozinha, proseando no terreiro, dançando no salão. Está cheia até mesmo a casa do forno, onde a gente assa leitão, galinha, batata doce e pinhão. Vá percorrendo aí.

A velhinha foi por todos esses lugares e não encontrou o Joaquim. Por fim, entrou no salão de baile. Era um entrevero de gente parada nas portas, encostadas nas tábuas da parede esperando a vez de dançar. Já faltavam poucos minutos para a meia noite. A velhinha veio até o dono da casa e disse: Não encontrei e só está faltando cinco minutos para um compromisso que tenho hoje.

Pegou a olhar para aquele velhinho que arroteava para os dois lados dançando uma valsa. E ela pegou a admirar...

- Bem, como eu não encontrei quem eu procurava, vou me retirar, mas prá não ir de mãos abanando, vou levar aquele cabeça pelada,



dançador de valsas. O velho, numa volteada de valsa, caiu morto. Nem pelando a cabeça escapou!

É por isso que dizem que quando chega a hora, vai mesmo.



## **O CASAL DE VELHOS**

Naquele tempo não havia o recurso de hoje, nem de luz, nem de água, nem de ajuda para os pobres. Os velinhos que não tivessem ninguém por eles passavam muitas privações e até nem tinham o que comer. Numa vila da serra, um casal estava assim, sem nada, com a casinha chovendo dentro, o vento entrando pelas frestas, pouca cobertura e nem lenha para aquestrar a casa podiam buscar, por falta de forças nas pernas e nos braços.

A velha, então, teve uma ideia:

- Não dá mais para trabalhar, nem temos mais forças. Então você se faz de morto. Você vai ser velado na capelinha da vila, que nem vela tem e depois da meia noite não fica ninguém no velório. A primeira coisa que eu vou fazer será para contar para o Intendente e com toda a certeza ele vai me ajudar e até é capaz de me dar carta de permissão para eu pedir esmolas. Então arranharemos recursos para o final da vida.

Assim combinaram e assim fizeram. Ela chegou para o Intendente e disse:

- O meu velinho, único companheiro, morreu: está lá em casa e eu não tenho recursos, não tenho ninguém por mim, não tenho gente minha aqui.

Aí o Intendente disse:

- Olha, a senhora pode deixar tudo por minha conta. Eu vou providenciar. Vou mandar fazer o caixão, levar, arrumar numa capela que fica mais perto da prefeitura. E lhe dou, ainda, esta carta para a senhora pedir ajuda à população.

A velhinha conseguiu o que queria e voltou para casa.



O velho recomendou:

- Agora, com o primeiro recurso que você conseguir, compre um cavalo e uma aranha pra gente fugir depois de arranjar dinheiro, porque se o Intendente descobre, aí sim, estamos mal.

A mulher saiu com a carta e uma sacola e quando foi de tarde já estava cheia de moedas.

- Olha, já tenho aranha e cavalo. Consegui comprar e sobrou dinheiro.

- Então temos que esperar. Da meia noite em diante, você encosta a aranha.

Aconteceu que dois ladrões encomendaram a um ferreiro umas chaves falsas para poderem entrar no palacete de um major da Guarda Nacional que tinha muitas moedas de ouro. Os dois mais o ferreiro comparsa entraram na casa e carregaram tudo o que tinha valor, inclusive uma riquíssima espada de ouro. Foi um limpa! Mas naquela hora da noite, no escuro, não encontravam um bom lugar onde repartir o produto do roubo.

- Vamos aproveitar, aí está um defunto sendo velado e não há ninguém por perto.

Estenderam um lençol no chão à luz das velas e repartiram todo o dinheiro bem direitinho. Mas aí veio a questão da espada e deu encrenca, pois cada qual, mais primeiro, queria ficar com ela.

Disse o ferreiro.

- A espada, pela direita razão, toca pra mim, porque eu é que conseguir fazer as chaves para vocês entrarem na casa.

- Não, por isso não! – gritou um dos outros dois – porque o plano principal da escolha da casa do major foi meu.

Saltou o terceiro:

- Pela direita razão eu também tenho o direito. Então dou uma idéia: ela não toca para nenhum de nós, ela fica aqui mesmo.

Concordaram, todos – mas o ferreiro perguntou:

- E onde é que vamos escondê-la?

- Levante a gola do casaco do defunto, enterre a espada acima da clavícula e bote a gola do casaco por riba.

Então tá.

Quando zuniu a espada na bainha, o defunto sentou, e eles vendo o defunto sentado no caixão, na mesa, saíram em disparada, tão assustados que até a espada deixaram ali!

O velho se levantou, entrouxou o dinheiro no lençol, saiu fazendo bengala da espada e foi encontrar a velha que estava chegando. Botaram a trouxe de dinheiro na caixa da aranha e fugiram para Santa Catarina.



## **O COXO E O CALVO**

Era uma vez um homem muito rico. O filho, já emancipado em idade, um dia pediu:

- Pai, eu nunca sai de junto do senhor, ajudando, trabalhando. Agora eu queria conhecer um pouco o mundo, tomar conhecimento das coisas.

- Está bem. Eu vou te dar dez contos de réis e ainda uns trocados. Com esse dinheiro você poderá percorrer muitos lugares. Agora, você tenha muito cuidado com dois tipos de homem, que são sempre velhacos. Poderão te lograr e você ficará sem nada. Um deles é o coxo, o homem de uma perna mais curta, e, o outro, é o calvo, o homem sem cabelos. O calvo... apesar que eu sou calvo... esse ainda é mais velhaco do que o coxo. De modo que você se cuide muito desses tipos, não facilite, nem deposite confiança.

- Tem aí, na outra sala, nesse corredor, a esquerda, sentado numa cadeira um cidadão que se encarrega de guardar o dinheiro dos viajantes. Ele cobra uma percentagem, mas o senhor só pagará no dia em que toca de sair da cidade.

O rapaz foi, falou com o homem sentado e ele confirmou:

- É verdade, mas eu cobro uma percentagem conforme os dias... Quantos dias o senhor vai ficar aqui?

Mas quando o homem se levantou para ir contar, numa mesa ao lado, o dinheiro recebido, o rapaz viu que ele era coxo.

Que barbaridade! Logo o primeiro homem em quem ele tinha confiado. Saiu da sala já com bastante preocupação. E na primeira hora da

tarde voltou para experimentar o homem e ver se havia razão para a desconfiança.

- Eu queria viajar, quero seguir hoje mesmo. O senhor me devolva o dinheiro que lhe confiei e vamos acertar o juro.

- O senhor não me deu dinheiro nenhum.

- Mas aqueles dez contos que eu lhe dei?

- o senhor está querendo que eu lhe leve direto à policia? O senhor não entregou dinheiro nenhum!

O rapaz teve que voltar para casa apenas com o restinho de dinheiro que tinha guardado no bolso e, desconsolado, contou para o pai a velhacagem de que havia sido vítima.

- Não e nada, meu filho. Você me leva lá, me mostra o hotel e me explica como chegar a tal sala do coxo. Espere fora. Me mostra, me ensina bem, que eu entro lá. Espere uns dez minutos e entre também. Me cumprimente como se eu fosse um estranho e logo em seguida peça ao coxo, pela segunda vez que ele devolva os dez contos.

Conforme combinaram, fizeram. O pai se apresentou ao coxo, contando que estava viajando a negócios e que tinha de ficar uns quantos dias na cidade.

- O senhor pode me fazer o favor de guardar vinte contos de réis?

- Sim, estou as suas ordens! Exclamou o coxo, contando com toda aquela bolada que já estava quase no papo.

Aí o pai, ganhando tempo, a dizer que a cidade era muito bonita, que não esperava ver tantos prédios modernos e coisa e tal, continuou falando até que seu filho chegasse. Este, foi logo pedindo ao coxo:

- O senhor poderia me devolver aqueles dez contos de réis que eu lhe dei para guardar?



O coxo estava tão alvoroçado com o dinheiro que ia tirar do recém-chegado que, àquela altura, nem pestanejou, levantou-se, abriu a gaveta, contou os dez contos e devolveu-os ao rapaz – sem descontar a percentagem – antes que alguma bronca pusesse o golpe a perder.

O filho foi saindo. E o pai também,

- Então vou indo...

- Mas o senhor não vai me deixar os vinte contos aqui?

- Não mesmo, eu vim simplesmente requisitar o dinheiro que você roubou do meu filho.

- Você é coxo, mas eu ainda sou mais velhaco, sou calvo.



## **O PARALÍTICO**

Era uma vez um moço que há muito estava paralítico. Um dia chegou um viajante e perguntou para o irmão dele:

- Por que você não procura um recurso para fazer esse rapaz caminhar?

- Nós fizemos todo o empenho, mas os médicos desenganaram.

- Quando falha a medicina, a gente procura fazer uma simpatia. Mas tem que se ter muita fé, porque não tendo fé, simpatia nenhuma faz vantagem.

- Levem esse rapaz ao cemitério, entrem com êle a meia noite em ponto por três sextas-feiras seguidas, sem falhar. Conforme se tenha fé, já na primeira sexta-feira ele pode voltar caminhando.

- Ah! Não há dúvidas, vamos fazer isso.

Aí o irmão disse para o paralítico: Você já pode ficar dormindo na cadeira mesmo, que hoje vamos começar a simpatia, hoje é sexta feira. Alí pelas onze e meia nós vamos sair.

Quando foi onze e meia ele saiu com o paralítico às costas, embrulhado num lençol branco.

Deu-se o custo que o roubo de ovelhas estava muito grande naquela zona. O ladrão, enquanto ia roubar, deixava a mulher esperando-o num dos túmulos do cemitério, onde enterravam o pelego, os ossos, a buchada, a cabeça, levando somente a carne para casa. Aconteceu que nessa noite o ladrão tardou muito em chegar porque o dono do rebanho, que já há muito vinha sendo roubado, havia mudado as ovelhas da invernoada. O ladrão custou muito a encontrar o rebanho.



A mulher, já nervosa pela espera, ia imaginando coisas ruins: que o marido poderia estar preso ou morto, ou que tivesse se acidentado. Permanecia sentada no túmulo, aguardando. De repente enxergou aquele vulto, vindo em direção a ela com uma coisa branca no ombro e logo ficou tranquilizada e contente. Foi logo perguntando:

- Por que demorou tanto, eu já estava nervosa com a tua demora?

Mas o paralítico, antes de chegar perto, há uns cinquenta metros, havia notado aquele vulto que se levantara do túmulo, saindo ao encontro deles. O cabelo do irmão se arrepiou que o chapéu ficou alto na cabeça e o paralítico chegou a dar uns coices com as pernas, quando viram aquele vulto se levantando do túmulo.

- Traga aqui que eu já carneio! – ainda disse a mulher.

O irmão atirou o coitado no chão e saiu disparando de volta para casa, sem atinar com a simpatia, nem mais nada. Mas, quando chegou à porta de casa, encontrou o paralítico caminhando, cansado do corredão, que lhe perguntava:

- Que tal o susto?

O irmão levou outro susto e caiu de lombo, estirado.



## **O CARRAPATO E A AVESTRUZ**

O carrapato desafiou a avestruz para uma carreira em cem metros, em campo bruto de barba-de-bode. Ganharia a carreira quem sentasse primeiro numa cadeira, no fim do laço.

Então, conversando ali no partidor, a avestruz nem sentiu o carrapato subir na perna dela e se grudar na sambiquira. O juiz deu a partida e a avestruz saiu com o pescoço caído no lombo, correndo tudo o que podia. quando foi sentar-se na cadeira o carrapato gritou:

- Ai, ai, ai você me mata!

A avestruz olhou, estava o carrapato sentado...



## **O SAPO E O VEADO**

O sapo atou uma carreira com o veado em três quadras. Muito bicho foi assistir.

Sabe o que o sapo fez? Botou um colega dele em cada macega no costado da cancha, para cada um dar um pulo.

Quando o juiz deu a largada, o primeiro sapo pulou. Até o fim da cancha tinha um sapo sempre pulando no costado do veado. Quando o veado chegou na linha de chegada, o último sapo pulou na frente.

Foi assim que o sapo ganhou a carreira do veado.

## **O SAPO NAMORADOR**

O peão foi buscar água e encontrou o sapo sentado, escorado no barranco do olho d'água.

- O que é que está fazendo aí, compadre sapo?
- Namorando.
- Então sapo namora?
- Eu, pelo menos, tenho seis namorada.

O peão encheu o balde, sentou-se perto, tirou a faca da bainha, o fumo e a palha do bolso, fechou um crioulo e estava batendo com o fuzil na pedra de fogo pra acender o isqueiro, quando ouviu um barulho de asas. Olhou e viu um gavião levando o sapo na unha...

- Onde é que vai, compadre sapo?
- Eu não vou, me levam!
- Quando é que volta?
- Voltar? Voltar eu duvido... agora é só cagado ou cuspidado...



## **A REFEIÇÃO DO LEÃO**

Um homem ia pelo mato, quando topou com um leão suçuarana em pé diante dele. O leão fez o sinal da cruz.

- Que bom que o senhor é um leão civilizado, dá demonstração de que é católico.

- Não... é meu sistema... sempre, desde leãozinho novo, antes da minha refeição, fazer o sinal da cruz...



## **O BAILE DOS CACHORROS**

Há muitos anos atrás houve um baile dos cachorros. Muito cheio e animado estava o baile. Mas todos tiveram que tirar o rabo e deixa-lo amontoado num canto, para não estorvar a dança. Perto da meia-noite deu-se um sururu tamanho que nenhum cachorro ficou fora da briga. Entreverados, foram saindo porta a fora, mas não deu tempo para procurar direito o rabo, de maneira que cada qual pegou o rabo que encontrou.

Eu sei que até hoje, quando se encontram, um vai cheirando o rabo do outro, pra ver se não é o do bisavô.



## **NA ALEMANHA TUDO É GRANDE**

O alemão vivia contando lorotas. Qualquer coisa que se falasse, ele dizia:

- lihhh, na Alemanha é muito maior! Na Alemanha é tudo muito grande!

Um dia colocaram um cágado na cama, debaixo das cobertas dele. Ele foi se deitar...

- O que é isso aqui?

- É um percevejo.

- É?! Pois na Alemanha é pequenininho assim.



## **O ABRAÇO DO TAMANDUÁ**

Um português foi a Portugal e um outro, de lá, estava com vontade de vir para o Brasil. Então o outro procurou o daqui:

- Que tal são as terras do Brasil?

- Ó! Lá até os animais querem bem a gente...

O outro veio. Desembarcou no porto de Santos e seguiu de pé pelos sertões. O primeiro bicho que encontrou foi um tamanduá bandeira. Mal enxergou o português, levantou-se de braços abertos.

“Bem” – disse para si o Manoel – “mesmo sem ter conhecimento, já tenho amizade”.

O tamanduá deu-lhe um abraço, cravando as unhas nas costelas.

- Ó, estupor! Me abrace, mas não me machuque. Nossa amizade não é tão forte assim.



## **COMO CORTAR CIPÓ**

Dois portugueses chegaram ao Brasil e receberam um pedaço de terra para cultivar. Sem recursos e tendo de abrigar as famílias, foram ver como os índios construíam. Aprenderam: madeira roliça, cipó e capim. Foram cortar cipós no mato.

- Ó Manoel, que beleza este cá, bem comprido; vai até a copa da árvore.

Eu sei que o Manoel foi trepando pelo próprio cipó e, quando estava lá em cima, puxou o facão e cortou o cipó logo abaixo dos pés. O cipó caiu e ele ficou pendurado, balançando no ar... dali a pouco cansou as mãos e se veio lá de cima.

- Tu és um jumento, Manoel – disse o Joaquim. Vou te ensinar como se corta um cipó.

Achou outro cipó, mais comprido ainda, nele trepou do mesmo jeito que o Manoel fizera. Chegando lá em cima, passou o facão logo acima de onde estava se agarrando e se veio com cipó, facão e tudo.





## **A LINGUIÇA DE FUMO**

Dois irmãos chegaram de Portugal e se estabeleceram na costa do Guaíba, com a intenção de comerciar. Criaram um papagaio que falava de tudo. Até discurso fazia, conversava, contava anedotas, um fenômeno.

Vamos mandar esse papagaio para os nossos amigos lá em Lisboa – disse o Joaquim. Esse papagaio vai alarmar os nossos colegas, vai alarmar Lisboa.

- Vai alarmar não só Lisboa – acrescentou o Manoel – como também vai causar admiração em toda a Europa: um pássaro falando a nossa língua portuguesa!

Compraram uma gaiola bem bonita para despachar o bichinho.

O Manoel, mais comerciante, teve uma ideia:

- Vamos mandar, junto com o papagaio, um rolo de fumo amarelinho, do bom, bem cheiroso, como só o Rio Grande sabe produzir. Fumo bom é difícil! Garanto que eles vão querer importar e nós vamos ganhar muito dinheiro, exportando papagaios e fumo.

Registraram tudo bem direitinho, pagaram os direitos alfandegários, e lá se foram o papagaio e o fumo.

Passados uns tempos veio a comunicação:

“RECEBEMOS LINDO PRESENTE. SO QUE SIM, QUE O PASSARO, TEM A CARNE MUITO GOSTOSA, POREM DURA. AGORA, A LINGUIÇA, BOA DE GOSTO, MAS UM POUCO AMARGA”.



## **OS DOIS VELHACOS**

Dois velhacos vinham inzonando uma maneira de lograr alguém e assim conseguir alguns trocados, quando avistaram dois comerciantes portugueses, o Manoel e o Joaquim, conversando tranquilamente.

- Sabe que nós vamos arranjar uns trocados com aqueles portugueses! - disse o primeiro velhaco. Eu cobro um deles e você e o meu testemunha que ele me deve.

Dirigiram-se aos portugueses:

- Como vai o senhor, seu Manoel? Estou desconfiado de que o senhor já se esqueceu daqueles dois contos de réis que lhe emprestei.

- Mas o senhor nunca me emprestou nada, nunca lhe pedi dinheiro.

- Desconfiei mesmo que o senhor havia esquecido.

Aí o segundo velhaco entrou na conversa:

- Eu estava presente na ocasião, o senhor deve dois contos de réis aqui para o meu colega.

- Não devo, não pago e nem trato com vigaristas.

- Sinto muito seu Manoel, mas o senhor vai repetir tudo isso na frente do Juiz.

O Manoel foi citado pela justiça e tomou ciência do dia e da hora. Diante do fato, foi conversar com o amigo Joaquim, que tudo havia assistido:

- Meu amigo, estou trapalhado com essa citação estúpida. Não se se contrato advogado ou não.



- Não faça isso Manoel, eu mesmo vou te defender e mostrar ao doutor Juiz que se trata de uma vigarice.

O Manoel foi confiado na defesa do amigo Joaquim.

Diante do Juiz, o advogado dos velhacos perguntou:

- Senhor Manoel, o senhor está disposto a pagar os dois contos de réis que deve aqui para o meu cliente?

O Joaquim, pensando em defendê-lo bradou:

- É mentira! Sou eu quem deve, ele não deve nada.

- Não, ainda não chegou a sua vez – disse o velhaco – sua conta é nova, depois vamos acertar.

- Mas eu também não te devo nada, disse o Joaquim.

- Já negou! – bradou o advogado. Todos ouviram a testemunha do senhor Manoel confessar em juramento de só dizer a verdade que também deve dois contos de reis para o meu cliente.

Na dúvida, sem saber quem estava dizendo a verdade, o Juiz deu ganho de causa para os velhacos.

## **O REI DOS PÁSSAROS**

Os pássaros queriam eleger um rei e não se acertavam. Convidaram São Pedro para resolver a pendência. São Pedro sentenciou que o rei dos pássaros seria o que voasse até mais perto do céu. Naquela tutaméia de preparados concorrentes, o tico-tico se colocou sutilmente no lombo da águia. Quando a águia deu sinal para São Pedro que não resistia mais, São Pedro anotou e viu que o tico-tico estava dois metros acima da águia.

Por isso que o tico-tico ganhou a coroa.



## **O PAPAGAIO E O JARDIM**

Os donos da casa saíam muito a passear e o papagaio ficava lá nos fundos da casa. Chegou uma carga de lenha. Lenha ainda comprida, que o homem havia encomendado e o carroceiro gritou:

- Ô de casa! Onde é que eu boto a lenha?

- Atira aí pro lado de dentro! – gritou uma vizinha lá nos fundos.

O carroceiro olhou, viu que era um jardim cheio de flores, bem cuidado. Achou que era um banditismo atirar as lenhas em cima dos canteiros. Perguntou de novo:

- Onde é que eu atiro a lenha?

- Eu já disse! Atira aí pra dentro.

Estava atirando e chegou o dono da casa...

- Mas que barbaridade! Que banditismo é esse?

- Eu perguntei duas vezes e duas vezes me mandaram que eu atirasse aí. Obedeci ordem.-



## **O ANEL DA BARBONESA**

Uma baronesa foi visitar um camponês, no tempo do Império. Pegou a passear no jardim, no arvoredo, nos pátios... numa daquelas achou falta de um anel de valor, cheio de pedras preciosas.

- Que dê o anel? Perdi o meu anel! Procurem o anel! – gritava no meio do pátio.

Não conseguiram achar o anel da baronesa. Então ela disse para a dona da casa:

- A senhora tenha paciência... eu pago tudo. Mesmo que a senhora fique com as galinhas. Vamos examinar o papo e a moela dessas galinhas todas que eu vou descobrir o meu anel. Vale milhões!

Aí pegaram a matar galinhas. Abriam o papo, abriam a moela, eu sei que encheram um gamelão.

- A senhora poderá vender as galinhas mortas que assim mesmo eu pago tudo – dizia a baronesa.

Mataram até o galo.

E o papagaio anda ali pelo chão, caminhando...

- Quem sabe se foi o papagaio que engoliu?

- Comigo não! – gritou o papagaio. Comigo é na base do raio-X!

Ai a baronesa disse: Quem sabe se foi mesmo o papagaio!

Botaram o papagaio dentro de uma gaiola e levaram o bichinho até um aparelho. O anel estava no papo do papagaio.



Fizeram um cortezinho, tiraram o anel e deram uns pontos.

- Comigo é na base do Raio-X – gritava o papagaio.

## **O CASO DO FUMO PODRE**

Um comerciante tinha um estoque muito grande de rolos de fumo. Do chão, até o forro, era uma taipa de palha de milho, que naquele tempo guardava-se o fumo em rolo capeado com palha de milho seca.

Então veio o comprador e pegou a examinar. Cortava um rolo, cortava outro e tudo era fumo amarelinho de primeira. Aí perguntou para o comerciante se o fumo todo era bom assim.

- Tudo é bom! Vendo a varrer, toda a pilha.

O papagaio que estava na gaiola, perto, gritou:

- O debaixo é podre! É ardido!

O comprador se abaixou e tirou um naco. Era ardido mesmo. Viu que o papagaio tinha razão.

- Eu lhe compro, mas temos que fazer uma classificação, porque estes rolos aqui de baixo não estão em condições. E vamos ver se não há macaio no meio do amarelinho.

O homem tinha ficado encabulado do papagaio ter denunciado a velhacada dele e embrabeceu:

- Então não faço negocio!

O comprador foi embora e a mulher do comerciante veio ver o que estava acontecendo.

O comerciante pegou o papagaio e já estava torcendo o pescoço do bichinho, quando a mulher gritou:





- Não faça isso! Você trouxe o bichinho lá do mato, tirou do ninho, tirou da mãe, tirou da liberdade dele e agora quer mata-lo. Então solte lá onde você o tirou! Solte que vá voar pelo mundo!

O comerciante teve que concordar e foi tomando o rumo do mato, mas, de raiva, começou a depenar, foi arrancando peninha por peninha. Primeiro o rabo, depois as asas e assim foi que entrou no mato para soltar o papagaio, já estava pelado.

O papagaio foi se pegando com o biquinho, subiu, andava lá pelas copas das árvores. Daí a pouco veio um frio danado, tipo neve e o pobrezinho, louco de frio, subiu até o último galho, bem na ponta. De lá enxergou uma casa , com galpão, paiol, chiqueiro e galinheiro. Não estava muito longe. Marcou bem a direção e foi indo, chegando. Ao chegar perto do galinheiro encontrou um pinto pelado.

- Você também contou, avisou do fumo podre?

Eu sei que ele foi bem recebido pelas galinhas e ficou com elas até criar novas penas e voar.



## **A PANELA MISTERIOSA**

Na estrada, o Pedro parou, pegou a panela dele e botou dentro um pedaço de charque, com água, para cozinhar.

Aí ele fez fogo, esperou a brasa estar boa e cobriu-a com areia. Botou a anela em cima da areia e logo a panela começou a ferver.

A intenção dele era negociar aquela panela por bom preço.

Um viajante, a cavalo, ia cruzando por ali.

- Mas o que é isso, Pedro?

-Estou cozinhando.

- Mas na areia?

- É. Esta panela é misteriosa, não precisa lenha e nem nada. É só fazer um montinho de areia e botar ela em cima.

O viajante, que andava sempre apressado, ``as vezes com dificuldade de conseguir lenha para o fogo, entendeu que aquela panela lhe daria boa economia de serviço, tempo e dinheiro. Comprou a panela. Naquele dia viajou até escurecer, pois não precisava arranjar lenha para o fogo. Desencilhou, botou o cavalo a soga, fez um montinho de areia e colocou a panela em cima. E passou a noite esperando ferver...

Foi velhacada grossa do Pedro, que ganhou um bom dinheiro.



## **O PÁSSARO MISTERIOSO**

O Pedro vinha por uma estrada e avistou ao longe um homem a cavalo. O Pedro estava precisando fazer uma necessidade. Saiu fora, na beira da estrada e quando o homem se aproximou ele botou o chapéu em cima da necessidade. O homem, quando já estava cruzando por ele, perguntou:

- O que é que o senhor esta cuidando aí?

- Um pássaro. A coisa mais linda do mundo! Agora não posso buscar a gaiola em casa, tenho que ficar cuidando. Quem sabe se o senhor não poderia ir buscar a gaiola? A minha casa fica lá naquela encosta de cerro que se vê ao fundo, assim, assim...

- Não posso.

- Então fique aqui cuidando. Cuidando para mim. Me empresa o seu chapéu, o seu cavalo, que eu vou lá e busco a gaiola num instante.

O homem esperou pelo Pedro, do meio dia a tardezinha e nada de o Pedro chegar. Resolver pegar o pássaro pelas pernas, antes que anoitcesse e ir até a casa dele. Foi levantando devagarinho o chapéu e levou a mão bem ligeiro. Com isso, imundiciou a mão com a porcaria do Pedro. Para se limpar, bateu a mão com força no ar e deu numa pedra.

Desesperado com a dor, levou a mão à boca e sujou o bigode todo...

Aí foi que ele notou que o passarinho não era como o Pedro dizia.



## **A VELHACA DO PEDRO**

Nem bem o Pedro entrou numa casa de comércio e o dono já foi dizendo:

- Ah! Você é aquele velhaco que logra todo o mundo? Eu queria ver, de nós, qual é o que logra o outro.

- Ora, agora o senhor me pegou de surpresa. Eu estou sem os meus livros.

- Não e desculpa, pode ir buscar os seus livros. Eu espero.

- Mas eu estou de a pé e moro longe.

- Por isso não. Tem o meu cavalo aí na estrebaria. Mando encilhar e você vai buscar os seus livros.

Mandou encilhar o cavalo. Cavalo tratado inverno e verão com milho e alfafa. Argolas e passadores tudo em pura prata, cabeça de arreo trabalhada em prata com as iniciais e a marca em ouro. Aperos trançados em lonca de égua, bandana de couro de pardo, cabeçada do freio e rédeas em couro de anta.

Um capricho!

- Pronto, esta aí o cavalo.

Passados três dias...

- Já me logrou! Me logrou de saída!

Nunca mais o Pedro apareceu. Vendeu cavalo, vendeu arreios... vendeu tudo.



## **O INVERNO**

Um colono tinha criação grande de porcos, muitas galinhas e vacas boas de leite. Na cantina, guardava fileiras de queijo nas prateleiras; muito salame pendurado nos varais de taqueara pendendo do teto; dúzias de ovos enterrados no sal; tocinho, rabo de porco, pé de porco, orelhas, courinho; do porco não perdia nada, tudo era aproveitado. A dona de casa enchia vidros e mais vidros de conservas e de frutas em calda. Figo, marmelo e pêsego acabavam no tacho e enchendo as caixetas que deveriam durar até a próxima safra de frutas. Os coloninhos ajudavam em tudo, fritando a banha e comendo torresmo; mexendo o tacho de figada e comendo a rapa; descascando e comendo frutas.

- Isso tudo é para o inverno – ensinava o pai. Um dia ele chega e a gente tem que estar prevenido.

O tempo passou e o Pedro Malazarte ficou sabendo daquilo. Um dia o dono da colônia não estava e o Pedro chegou com uma carroça de quatro rodas.

- O que é que o senhor deseja?

- perguntar-lhe os filhos do colono.

- Eu sou o Inverno. O seu pai não guardou alguma coisa para mim?

- Guardou. A cantina está cheia, está lotada e tem tudo.

- Então vamos carregar a carroça.

Quando o colono chegou...

- Quem foi que me roubou? A cantina está vazia, não tem mais nada!



- Olha, pai, pois foi aquele que o senhor falou... o Inverno.  
Carregou a carroça e se foi embora.

## **O TRATO DO PEDRO MALAZARTE COM O DIABO**

O Pedro se empregou com o diabo.

Você nunca ouviu falar nisso?

Se empregou e eles então fizeram um trato. Quem se arrependesse primeiro, pagaria. Se o Pedro perdesse, pagaria com a vida. Mas, se o Pedro ganhasse, o diabo perderia toda a fazenda dele, com a criação e tudo e ainda o Pedro lhe tiraria o couro do fio do lombo.

O diabo e a mulher dele acharam que o serviço mais urgente era a de capinar a lavoura.

- Você vai capinar aquela lavoura lá.

O Pedro, muito malicioso e com a ideia de fazer o diabo se arrepender, pensou consigo: “é mais fácil ficar um pé de mato, do que uma planta”. E capinou tudo; o milho que já estava grandote, o feijão apontando no meio do milho, abobrinhas recém botando o barçoço, não sobrou nem um pé de mandioca, levou tudo de raso.

Depois que o Pedro terminou a empreitada, o diabo foi fiscalizar.

- Mas o que é isso Pedro? O que é que você fez?

- você mandou capinar a lavoura, não explicou direito e eu entendi que fosse tudo.

- Bem, então deixe isso e vá lavrar aquela coxilha. Pegue uma junta de bois vermelha. Quando chegar o meio-dia, volta aqui para almoçar. Ou, se não quiser perder tempo, fique lá na coxilha e procure alguma coisa para comer lá mesmo.

O Pedro botou os bois mansos na canga, cravou o arado no início da coxilha e se foi em linha reta. E não voltou mais.



“E o homem que eu mandei lavar a coxilha e que não me aparece?” – cismava o diabo.

O diabo foi seguindo pela verga do arado, segundo e foi achar o Pedro a mais de duas léguas, com um dos bois carneados, comendo churrasco. O diabo ficou fulo de brabo:

- O que é isso?! Em vez de lavar a coxilha indo e vindo, fez um risco de arado e ainda está churrasqueando um dos meus bois mansos!

- Você disse que eu lavrasse a coxilha. A coxilha não teve fim até agora e ainda continua pra frente.

- E por que matou meu boi?

- Era pra mim procurar almoço. Eu dei jeito, não tinha outra coisa pra comer.

- Então pare com esse serviço já!

No dia seguinte, o diabo mandou que o Pedro fosse para uma invernada do campo, para cuidar a tropa de bois que tinha lá. Recomendou:

- Vivos ou mortos, aqueles bois têm que estar sempre reunidos, em pastoreio, dentro da invernada.

O Pedro pegou uma espingardinha taquari e se tocou para a invernada. Chegando lá, improvisou um rancho para se abrigar do tempo e levantou um varal para pendurar o charque.

Eu sei que todos os dias o Pedro matava um boi, escolhia o churrasco dele e do resto fazia charque. Sentindo o cheiro, os corvos vinham para o varal. O corvo vinha no charque e comia. O Pedro dava um tiro, espantava os corvos. No dia seguinte eles voltavam para limpar mais charque.

O dia em que o diabo foi ver a tropa, nem boi havia mais.

- O que é isso, Pedro, você matou os meus bois?



- Você disse, vivo ou morto. Estão todos aí, dentro da invernada, conforme a ordem. Eu resolvi cuidar deste modo, fica mais fácil, que nem precisa eu caminhar. Agora, se você esta arrependido, é só dizer, que a gente executa conforme o trato.

- Não, não estou. Você pode ir para casa descansar. Trabalhou bastante tirando o couro e charqueando toda essa tropa. O varal está bonito, nenhuma manta com vareja ou bicho.

O diabo não queria era perder a fazenda e, ainda por cima, o Pedro lhe tiraria o couro do fio do lombo. Então, o diabo procurou lograr o Pedro pela astúcia. De noite, quando a diaba veio preparar a janta, o Pedro estava deitado, descansando, num quartinho ao lado. O diabo veio e disse para a diaba:

- Mulher, eu estou louco de fome. Tenho de ir lá no galpão terminar de fazer umas coisas, mas, enquanto isso, me prepare uma sopa. Mas cuide que o Pedro esteja dormindo. E se ele aparecer, vier tomar uns mates aqui no fogo de chão, diga que está escaldando umas roupas encardidas.

O Pedro ouviu tudo. Quando o diabo foi para o galpão, ele se levantou e se aproximou do fogo da cozinha.

- O que é que a senhora está fazendo?

- Estou aqui fervendo umas roupas encardidas e atirou dentro da panela e mexeu. A diaba, sem saber o que fazer, foi consultar o diabo lá no galpão.

- Olha, eu falei conforme o combinado e ele meteu uma cueca encardida e uma camisa na panela... o que é que eu faço?

- Então você faça umas pamonhas. Enrole e até bem a farinha de milho na palha de milho verde e enterre na cinza. Quando estiver cozida, você me traga em seguida, pois estou cada vez com mais fome. E se ele aparecer por lá, disfarce.

O Pedro apareceu na cozinha.

- Eu não pude dormir. Então me levantei para me aquecer um pouco.

Viu aquele monte de cinza no borralho e maliciou que ali devia ter coisa escondida. Assim com quem não quer nada, pegou um pauzinho.

- Vou contar para a senhora uma historia muito bonita.

Agachou-se junto ao borralho:

- Era uma vez um fazendeiro que tinha uma fazenda enorme, com léguas de sesmaria. Assim:

E riscou na cinza um contorno grande, como se fosse o da fazenda.

- O fazendeiro tinha muitos herdeiros e, quando morreu, o campo teve de ser repartido em muitos pedaços.

E foi riscando em redor daqueles montes de borralho.

- Mas os herdeiros não se entenderam, brigaram e a repartição virou um mingau.

E, imitando a briga, revirou com o pauzinho todo o borralho.

A diaba foi correndo ao galpão consultar de novo o marido:

- Ele misturou a pamonha com a cinza, com brasa, com tudo! E agora, o que é que eu faço?

- Eu não aguento mais de fome. Vamos fazer o seguinte: eu vou lá para o meu quarto e vou fingir de doente, dizer que estou muito mal. Vou pedir para ele me trazer uma chaleira de agua quente, para você me fazer um chá. Quando ele vier pelo corredor escuro, você sai de trás da porta com um facho de fogo e dá um baita susto nele.

O Pedro escutou toda a combinação. E, quando o patrão lhe mandou esquentar a água na chaleira, ele carregou, até a boca, uma pistola de dois canos. Daí a um tempo, o diabo gritou lá do quarto:

- Pedro! A água já está pronta?

- Está quase quente, patrão. Já vai. Agora sim, já estou levando.

Mas levou a pistola engatilhada. E quando a diaba apareceu com o facho de fogo, ele descarregou os dois canos nos peitos dela, que derrubou de lombo, morta.

- Você matou a minha mulher, Pedro!

- Não, senhor. Eu atirei num facho de fogo que encontrei, que veio me estorvar no caminho.

- Matou, Pedro! Olha lá, matou!

- Então você está arrependido, patrão?

- Estou, Pedro!

- Então a fazenda é minha! Eu vou te tirar o couro do fio do lombo.

Começou na nuca e foi até o fim do espinhaço. Lonqueou em tento finos e fez um chicote.

Eu sei que nem o diabo pôde com o Pedro Malazarte.

## **O MATUNGO DO MACACO**

O tigre e o macaco foram passear na casa de umas moças. Na hora de despedida o macaco garganteou:

- No próximo domingo venho de a cavalo no tigre, que de a pé eu acho muito longe. Ele é caminhador mesmo e não se importa de me trazer.

O tigre ouviu, mas pensou que aquilo fosse uma brincadeira do macaco. No domingo seguinte, convidou:

- Como é, vamos passear lá nas moças?

- Vamos, mas de a pé eu não vou.

- Tá bem, eu te levo.

O macaco saltou de “em pelo” no tigre, mas não parou em cima e caiu. Tornou a montar, caiu de novo. Aí então ele disse para o tigre:

Estou caindo porque o teu pelo é muito liso. Tenho de botar um xergão.

Botou um xergão, mas caiu de novo.

- Tenho de botar o lombilho, pra mim poder me estribar bem.

Botou o lombilho.

- Sem cincha não dá. O lombilho não para.

Apertou aquela cincha que quase atorou o tigre.

- Agora você me dá licença para colocar os pelegos, senão não dá.

Botou os pelegos, montou e caiu para o outro lado.



- Sem bandana e sobrecincha não há quem pare em cima desse cavalo.

Botou.

- Sem buçal e sem freio, a gente fica sem equilíbrio e no primeiro buraco de mulita que você enfiar a mão, aí no meio da macega, eu caio.

- Não amole, macaco! Bote tudo o que você quiser e vamos embora de uma vez!

O macaco, então, calço as botas, firmou bem as esporas, deu de mão no rabo-de-tatú e montou.

Quando chegaram perto da casa das moças, o tigre quis se livrar dele, pra não se apresentar como o matungo do macaco. O macaco cerrou as esporas e baixou o rabo-de-tatú. Esse tigre velho urrava e corcoveava para os dois lados. O macaco surrava cruzado, esporeava da paleta ao focinho e golpeava firme nos queixos, até que o tigre encarreirou para o lado da casa. Ao passar por baixo de um cinamomo, o macaco passou o cabo do buçal num galho e amarrou o tigre.

O tigre ficou urrando, dando golpes. E o macaco, proseando com as moças, garganteava:

- Olhem lá o meu matungo querendo escapar. Pode que quebre aquele galho, mas não é fácil.

De modo que garganteou a vontade e deixou o tigre o dia inteiro no cabresto, encilhado.

À tardinha, deu uma desculpa e foi até o capão próximo. Não voltou mais...

As moças tiveram que soltar o coitado do tigre.

## **A GUERRA ENTRE O MACACO E O TIGRE**

O macaco disse para o tigre que quando tinha fome, era igual a ele: também pegava uma vaca e comia.

- A única diferença é que você come mais, você é mais esganado, tem mais caixa de corpo. Mas eu, quando preciso, mato um rês e como o quanto quiser.

O macaco nem saiu do lugar, ficou por ali, disfarçando no meio das macegas. O tigre saiu e pegou uma novilha gorda. Estava comendo e o macaco chegou e disse:

- Você tem muita sorte, já está churrasqueando. Eu dei uma baita volta e não encontrei nada, nada mesmo. Assim, você podia me dar um pedacinho...

- Não. Você diz que pega. Vá caçar.

- Tigre, já que você teve mais sorte do que eu, me dê a bexiga da rês. Eu mesmo tiro.

- Pode tirar. Não me incomode e deixe-me comer direito.

O macaco retirou a bexiga, assoprou dentro, encheu de ar, bateu, bateu até ela lacear. Depois pegou moscas e colocou dentro, enchei a bexiga de moscas e o tigre, entretido, nem ligou para aquilo. Aí o macaco disse:

- Deixe eu brincar com a tua cola.

- Pode brincar. Não me incomode.

O macaco foi, atou a bexiga na cola do tigre e parou-se ali por perto.

-- Tigre, não está ouvindo uma acoação de cachorro?

O tigre escutou e ouviu mesmo uma zoada que parecia ao longe, mas eram as moscas dentro da bexiga. Saiu correndo tudo e não notou que o macaco havia atado a bexiga na cola dele. Trepou num pé de angico, lá nas copas e continuou ouvindo a zoada. Só aí atinou que era a bexiga.

- Ora, que danado. Me logrou!

Falou com a raposa:

- Sabe que o macaco me fez de bobo? Ele me faz dar uma baita corrida de barriga cheia, podia até ter me dado uma congestão.

A raposa, então, deu uma ideia:

- Ele churrasqueou bastante. Vai ter sede daqui a pouco. Então espera lá na aguada...

O tigre ficou trepado no costado do bebedor, esperando. Dalí a pouco o macaco se aproximou, mas maliciou. Achou até que viu que o tigre estava espiando ele. Furou uma bichiguana dessas redondas – estava gorda a bichiguana -, quebrou-a e se rolou em cima. Ficou com o pelo todo lambusado de mel. Em seguida, se rolou em cima das folhas das árvores do mato, que ficaram só os olhos livres: parecia um monte de folhas caminhando direto à água.

O tigre viu aquilo e ficou muito admirado. De vez em quando gritava:

- Ô amigo folharada, por que bebe tanta água?

E o macaco lep, lep, lep, não parava de beber. Até que respondeu, fazendo troça do tigre:

- É porque não tomo água desde aquele churrasco que você me deixou...



Só aí o tigre descobriu... e se avançou! Mas o macaco trepou numa árvore e fugiu de galho em galho. Logrou o tigre, de novo!

A raposa deu outra ideia:

- Amigo tigre, faça um boneco de cera e bote no carreiro dele. O macaco é muito vaidoso, não vai desviar, vai mandar que o boneco saia do caminho.

Assim o tigre fez. Ai veio o macaco e disse para o boneco de cêra:

- Sai daí, sai do caminho que eu quero cruzar!

O boneco, firme, quieto. Tanto foi que o macaco ameaçou dar um tapa na cara, se não saísse. Deu. Ficou com a mão direita grudada na cêra.

- Largue a minha mão, se não te finco outra braceada!

Fincou a outro mão, que ficou grudada também.

- Largue as minhas mãos que eu te dou um chute!

Ficou com o pé direito cravado na cera.

- Largue meu pé, se não te dou outro chute!

Quando o macaco estava bem grudado na cera, o tigre chegou:

- Agora vamos ajustar contas! Você me logrou, me fez de bobo. Vou te matar.

Mas o macaco sabia que mais adiante, onde as macegas eram mais altas, havia uma toca abandonada de graxaim e então fez um último pedido:

- Já que vai me matar, eu queria morrer lá naquele macegão.

O tigre concordou em fazer a última vontade do macaco. Foram até perto do lugar onde estava o buraco, a toda escondida.

- Agora, tigre, de satisfação de me matar, você dê três pulos e bata palmas.



Quando o tigre se envolveu no primeiro pulo e bateu palmas, o macaco escapou pra dentro da toca.

- Me logrou de novo! – falou o tigre.

Aí chamou um sapo desses do campo, que andava por ali, entregou um revolver para ele e ordenou:

- Você cuide desse macaco, não o deixe sair, que eu vou buscar uma cavadeira.

Quando o macaco apontava a cabeça, o sapo calçava ele no revolver:

- Nem um passo a frente, se não eu te mato.

O macaco se lembrou que tinha pimenta moída no bolsinho do colete: “Agora esse sapo vai ver uma coisa...” De novo apontou a cabeça e, quando o sapo meteu o revolver, ele jogou um punhado de pimenta. O sapo chegou a esfregar os olhos e o macaco se mandou.

O sapo ficou com medo de contar para o tigre e continuou fingindo que cuidava. Quando chegou com a cavadeira, o tigre cavocou até o fim da toca e nada do macaco. Então, furioso, se voltou contra o sapo:

- Agora é você quem vai morrer! Escolha, você quer morrer no fogo, ou na água?

- No fogo, porque na água é uma agonia danada.

- Então vou fazer sofrer o pior: vou te atirar na água.

Atirou o sapo no meio do açude. O sapo saiu braceando e apontou a cabeça lá adiante: “Deu bem no que que queria”!

E o tigre continuava falando: “Eu tenho que pegar aquele macaco.

O macaco havia encontrado uma caveira de tigre, morto por caçador, juntou-a de um saco e andava com ela. Um dia, trepou num coqueiro com a intenção de comer uma porção de coquinhos e levava com ele a cabeça aquela.



Pois foi justamente nessa volteada que, passeando o tigre, encontrou o macaco lá em cima do coqueiro, comendo as frutinhas.

- Hoje eu te pego! – urrou o tigre.

- Ah! Ah! Ah! – debochou o macaco, lá em cima. Hoje eu vou completar com a tua, oito cabeças, pois sete caveiras de tigre eu já tenho aqui.

Tirou a cabeça de tigre de dentro de um saco e mostrou. Depois fez mais seis vezes, fingindo que eram outras cabeças.

“Não tem jeito mesmo” – pensou o tigre. “Esse desgraçado vai terminar com a nossa geração. Vou convidar os meus colegas do pontão e do sertão e mais uma remessa de tigres.

O macaco soube da combinação e convidou o carneiro para sentinela e capanga dele.

- Você tem que me servir de capanga, de sentinela, porque eu estou sujeito a ser atacado esta noite por um piquete de tigres. E você pode me ajudar. Mas tem de trepar numa árvore.

Aí o carneiro disse:

- Mas eu não sei trepar, eu não consigo.

- Eu te ajudo. Já escolhi uma árvore mais arcada, mais deitada e fiz uma jangada lá em cima para você se acomodar e me fazer companhia. Eu arranjo um cipó e com ele vou te puxando e você vai se equilibrando. Não tem perigo, venha!

O carneiro terminou concordando. Foi subindo na árvore com muito jeito e o macaco puxando devagarito, até acomodá-lo na jangada.

Tarde da noite o macaco ouviu as pisadas dos tigres que vinham pisando, quebrando pauzinhos.

- Fique quieto – disse para o carneiro, o macaco. Não faça nada, que já sentiram a nossa presença.

Numa daquela o carneiro disse:

- Estou me sentindo mal, de tanta vontade de urinar.

- Não, não pode. Fique quieto! Estou sentindo as pisadas dos tigres, todos estão aí em baixo. O Rabão anda aí.

O carneiro aguentou até certo ponto:

- Estou muito mal, não aguento mais!

- Então vamos virar de barriga para cima, você urina, mas a urina fica na lã e não cai lá embaixo. Se não, estamos perdidos.

Quando estavam se ajeitando, o carneiro caiu por um vão da jangada e se veio quebrando galhos, fazendo um barulhão danado. E o macaco gritava:

- Pegue o Rabão! Pegue o Rabão que é mais bandido, é o mais forte inimigo que eu tenho.

Vendo um carneiro voando, o Rabão teve um baita susto, deu uma guinada para o lado, bateu com a cabeça numa árvore, arrebentou a cabeça e ficou morto ali mesmo. Os outros tigres se apavoraram, gritando:

- O nosso chefe! O nosso tigre chefe está morto! Vamos nos escapar enquanto é tempo!

E lá se foram.

O tigre tanto perseguia o macaco que o macaco declarou guerra contra ele. Tanto um quanto o outro, trataram de se mobilizar. O tigre atravessou o rio Uruguai e foi convocar os colegas dos sertões de Santa Catarina e do Paraná. Marcaram o início dos combates para dali há trinta dias.

O macaco, por sua vez, convocou diversos enxames de bespas, maribondos, abelhas, mamangavas daquelas picaças e até tubunas, mandaiaias e mirim.

Marcaram o local do combate com bandeiras vermelhas.

O macaco se apresentou com cinco macaquinhos combatentes e nada mais se via.

O tigre veio com uma coluna de quarenta tigre, mais algumas jaguatiricas. O comandante olhou o campo de combate e viu apenas aqueles cinco soldadinhos inimigos.

- Será que ele vai enfrentar mesmo a minha coluna? Eu me preparei tanto, escolhi os tigres mais lutadores desses sertões e agora essa...

Foi quando o macaco deu o grito de guerra e mandou avançar. Levantou voo do meio das macegas aquela multidão de bichinhos que caíram sobre os tigres ficando ferrão por todo o corpo deles. Os tigres rolavam no chão, urravam de desespero sem poderem fazer nada.

Eu sei que, na luta, só do veneno dos bichos, morreram quinze tigres. Derrotados, os restantes tocaram em retirada.

E o macaco nunca mais foi perseguido.

## **A ESTÓRIA DO PADRE JOSÉ FRANCISCO**

Houve um padre que foi designado para cuidar de uma capela no interior do Paraná. O lugarejo era pobre e o povo muito atrasado. Qualquer encrenca, qualquer pengenga que houvesse, vinham procurar o padre. Ele interrogava um, interrogava outro, e, por fim, instruía: “você faça assim e assim, que nada de ruim te acontece”. Tao certo davam as instruções do pare e tão satisfeitas saiam as partes, que o povo acreditava ser ele adivinho. Ele não cobrava nada de ninguém. Então lhe faziam presentes. Os riscos davam dinheiros. Um dava uma novilha, outro um cavalo. Davam porcos, galinhas e, os mais pobres até caça traziam. Eu sei que o padre ficou rico e comprou um pedaço de campo lá. Povoou e contratou um peão para cuidar do gado. Um dia, um sujeito velhaco foi morar naquele lugarejo e tentou lograr um dos moradores. O morador disse para ele:

- Eu vou falar com o padre, primeiro. O padre adivinha tudo e sabe se você está me logrando, ou não.

O padre instruiu bem o morador. O velhaco não pode lográ-lo. O povo ficou sabendo que aquele sujeito não prestava. O velhaco deu-se por ofendido e resolver ir se queixar para o Imperador D. Pedro II, dando parte de que aquele padre estava se prevalecendo daquela pobre gente. Foi até o Império, pediu uma audiência a D. Pedro e denunciou:

- Lá onde estou morando, há um padre que ficou rico as custas da ignorância do povo. Ele se diz adivinhador e todo mundo o chama de adivinhador. Mas ele é um explorador.

Então o Imperador mandou chamar o padre, que depois de passar pela Guarda Imperial postou-se diante de D. Pedro:

- Sou o Padre José Francisco, que você está se arrumando, em vez de cuidar das coisas da Igreja.

- Não Majestade. O povo da minha paróquia é muito atrasado e me pede muitos conselhos. Não cobro nada por essas instruções. Eles é que me dão muitos presentes.

- Mas me contaram que você se faz passar por adivinho.

- Eles me chamam de adivinhador, mas eu não adivinho nada.

- Quero tirar uma prova! Você não vai sair daqui assim, sem mais, nem menos...

Levou o padre até a janela do salão, mostrou-lhe o cerro Pão de Açúcar e falou com um tom de voz ameaçadora:

- Você tem que me dizer quantos cestos são necessários para carregar toda a terra daquele cerro e, além disso, tem que me dizer quantos metros tem da ponta do cerro até o céu. Te dou um prazo de oito dias para pensar. E, na hora em que você vir me trazer as respostas, ainda terá dizer no que é que eu estarei pensando naquele instante. Se errar, já sabe o que vai lhe acontecer... A pena de morte!

O padre foi embora para a igreja dele pensando mais na pena de morte que nas perguntas, pois como é que ele iria saber quantos cestos precisava para carregar toda a terra do Pão de Açúcar, quantos metros tinha da ponta do cerro ao céu, e, ainda, o que a majestade estaria pensando no dia aprazado. Pegou a ficar sem dormir, a rezar fora de hora, a fazer penitência, a entrar e sair da capela... Tanto foi que um dia o peão dele, chegando do campo, se preocupou com aquela inquietação toda e perguntou o que é que estava acontecendo de feio. O padre José Francisco, então, contou tudo.

O peão pensou um pouco e indagou:

- O que é que o senhor me dá para eu desempenhar no seu lugar?

- Lhe dou a metade da minha fazenda povoada, o lado que você quiser, pra direita ou pra esquerda, com a criação que estiver em cima.



- Então me empreste o seu chapéu, a sua vestimenta e o seu cavalo, que eu vou lá desempenhar. Tenho que sair dois dias antes da data marcada para a fala com o Imperador.

Dois dias antes, o peão vestiu a vestimenta do padre, montou a cavalo e partiu. O padre ficou pensando: “Desta vez eu achei um que vai morrer por mim...”

O peão chegou ao palácio e pediu ao guarda que fosse avisar ao Imperador que ali estava chegando o padre José Francisco com as respostas pedidas.

D. Pedro II mandou passar imediatamente.

- Então vamos começar pelo cerro. Quantos cestos você necessita para carregar o cerro?

- Ah Majestade, depende do cesto. Se se fizer um cesto que caiba o cerro dentro, ele vai numa cestada só; se se fizer a metade, mais ou menos, ele vai em duas cestadas, porque cesto tem pequeninho e tem grande, não tem tamanho, depende da taquara e do tecedor.

Aí o Imperador disse:

- Bom, essa tá. E agora, quantos metros tem do cerro ao céu?

- Tem oitocentos e quarenta e oito bilhões, seiscentos e quarenta e nove milhões... e, se Vossa Majestade inventar de duvidar, é só mandar medir!

- Tá... tá conforme – disse o Imperador. Mas no que é que estou pensando agora?

- Vossa Majestade pensa que está tratando com o Padre José Francisco, mas está tratando apenas com um peão dele.

O Imperador, então, abriu o baú e deu um punhado de onças de ouro para o peão.

## **O FORÇUDO**

O Doca vivia pensando em ganhar dinheiro: “Uma boa bola resolveria meu problema”, assim pensava ele. Certa feita ouviu falar que lá na corte o rei promovia concursos defeitos extraordinários. Vinham concorrentes de toda a parte do reino. A nobreza julgava o feito e o rei premiava os vencedores com altas quantias em moedas de ouro.

Há muito o Doca ouvia falar de um tal de João Forçudo. Foi procurá-lo. Encontrou um homem lavrando terra com uma junta de bois e perguntou:

- O senhor não sabe me informar onde mora o João Forçudo?

O homem, que estava encurtando o ajujo para que os bois não quebrassem o canzil, pegou no timão, bem ali junto ao buraco por onde passa o tamoeiro, e levantou o arado com bois e tudo, apontando para a direção de um rancho.

- É ali.

Espantado com o que vira, o Doca contou a ideia que tinha e convenceu o João Forçudo a ir concorrer na corte. No caminho viram um homem tenteando na pontaria. Olharam para cima e não viram nada. Araram os cavalos. Mas antes que perguntassem, o desconhecido falou:

- Parem, parem quietos que estou tenteando um mosquito que me mordeu e que se escondeu lá atrás daquela nuvem. Daqui a pouco ele sai.

Não demorou muito e ele atirou.

- Pronto, disse o atirador, agora podemos prosear à vontade, porque ele vai levar bastante tempo para cair de lá até aqui.





Dali há pouco, conforme o previsto, o mosquito caiu bem perto deles. Com aquilo, o Doca se entusiasmou:

- Você tem de ir comigo, você não pode ficar aqui. O rei vai fazer um concurso com muitos prêmios em dinheiro...

Seguiram viagem os três, com muitos planos e grandes esperanças.

Encontraram um homem com o ouvido encostado no chão, dando risada. Perguntaram...

- Esperem, esperem, deixem eu escutar.

Quando o estranho terminou de escutar, contou:

- Estão brigando lá numa festa de igreja. Agora estão só a soco e pontapés. E os valentões que iniciaram a briga estão apanhando.

A festa era lá num povoado que nem se enxergava ainda.

O Doca, o João Forçudo e o atirador convenceram o escutador a ir junto.

Mais a frente, encontraram um homem que olhava uma ponta de rês.

- O que é que o senhor tanto olha essa ponta de gado? – perguntaram.

- Estou pensando no meu almoço, mas esse gadinho aí não vai chegar. Convenceram o comilão a ir junto.

No dia do concurso o Doca apresentou o comilão à comissão julgadora. A comissão aceitou a inscrição desde que o Doca conseguisse gente para matar o gado, tirar o couro e assar todo aquele churrasco. O Doca encarregou o João Forçudo da tarefa.

Não demorou muito e o Forçudo chegou do mato arrastando uma carga de lenha de puro camboatã. Para espanto dos julgadores, quebrou aquela lenha toda no joelho, assim como quem quebra gravetos e foi

estendendo-a à maneira de quem assa carne. Só abria as rêses, tirava-lhes a buchada, as frissuras e os bofes e assava com o couro, porque com o couro o churrasco e mais gostoso e espetava num espeto que mais parecia uma vara de tronqueira. Naquele brazedo de camboatã, assava a rês num upa; e já espetava outra, porque o comilão não dava folga.

Enquanto isso acontecia, o rei prometeu uma recompensa muito grande para quem desse notícias de uma moça desaparecida, filha de um nobre. O Doca chamou o escutador e pediu-lhe que localizasse a moça imediatamente. O escutador encostou o ouvido no chão e pediu ao rei que ordenasse que todos ficassem em silêncio.

Em seguida o escutado anunciou:

- Estou ouvindo a conversa dos raptores: eles colocaram um anel encantado no dedo da moça e ela adormeceu.

- Pra que lado está? Perguntou o atirador.

O escutador apontou a direção exata e o atirador estendeu fumaça na direção apontada. Em seguida o escutador anunciou:

- A bala cortou o anel bem certinho que saltou longe e a moça acordou.

Os raptores fugiram apavorados e ela já está voltando para a casa.

Eu sei que quando terminaram os concursos, estava a moça com os pais e o comilão havia comido toda a ponta de gado.

Todos receberam uma recompensa régia e ficaram muito ricos.

## **O MÉDICO E O FARMACÊUTICO**

Eram dois rapazes muito amigos. Um se chamava Pedro e o outro se chamava Juca. Ajudaram os pais no serviço até a maior idade, como era o costume. Emancipados, pediram aos pais uma certa quantia em dinheiro e saíram em busca de um bom emprego. Conheceram várias cidades e, por fim, resolveram se estabelecer na capital do reino. Hospedaram-se no melhor hotel, onde receberam todo o carinho e atenção.

Um dia, o Pedro falou para o Juca:

- O nosso dinheiro está terminando. Para o próximo mês não teremos mais dinheiro para as despesas do hotel.

- Não se precipite, não fique nervoso – disse o Juca – pois eu darei um jeito.

O Pedro, preocupado, arranhou um emprego de pedreiro.

- Largue esse emprego, disse o Juca, eu já tomei uma decisão. Eu vou me intitular como médico e você farmacêutico. Não tenha medo, você só vai aviar receitas minhas.

Nisso aproximou-se o hoteleiro...

- Nós vamos precisar de mais um favor seu. Eu sou formado pela medicina da França e o meu companheiro é farmacêutico.

- Os senhores deveriam ter me esclarecido isso antes, pois alguns que estão doentes já poderiam ter sido beneficiados. Vou tomar todo o interesse. Eu mesmo tenho uma filha que tem uma ferida na perna e os médicos já desenganaram da cura. Querem amputar a perna dela com o que ela não concorda. E sempre diz que um dia viria um médico formado



no exterior com recursos para ela. Eu gostaria que os senhores fizessem um exame na perna dela.

O hoteleiro levou os dois em presença da moça.

O- Então querem lhe amputar a perna, disse o Dr. Juca. Não vai ser preciso.

- Eu não lhe dizia, pai, que um dia a medicina teria recursos para curar a minha perna?

O Dr. Juca deu as instruções para o farmacêutico:

- No primeiro dia encha a ferida de açúcar moído e deixe assim por 24 horas. A partir do segundo dia faça um emplastro com 250 gramas de carne moída, 250 gramas de sal e 50 gramas de pimenta do reino. Moa tudo bem moído e aplique durante três dias.

Vai arder um pouco, mas o que arde é o que cura.

- Não faz mal, disse a moça, nem que me dê um acidente, eu aguento.

No terceiro dia, quando o Dr. Juca tirou o emplastro, a ferida saiu com raiz e tudo. Os jornais noticiaram aquela cura milagrosa. O hoteleiro agradecido saiu a passear de carruagem, o médico de um lado, o farmacêutico do outro e a moça no meio.

Estava dando uma epidemia no quartel e muitos soldados do rei já haviam morrido. Sabedor da cura milagrosa, o rei mandou chamar o novo médico:

- Eu estou vendo que vou ficar sem um militar para cuidar do meu reino. E assim eu queria que o senhor examinasse meus soldados. Ofereço-lhe todos os recursos necessários.

- Quais são os sintomas dessa enfermidade? – perguntou-lhe o Dr. Juca aos doutores do rei.

- É assim, doutor, assim, assim... e nós não estamos conseguindo fazer nada.

- Então vocês não deram um jeito nisso? Amanhã irei lá.

A animação foi geral entre os doentes, assim que souberam da boa nova. “Agora eu vou me salvar; se eu chegar a enxergar esse medico, não morro mais” diziam muitos doentes.

No outro dia, o Dr. Juca apareceu no hospital. Doente que já nem se mexia, levantava o pescoço para vê-lo. O Dr. Juca perguntava tudo, examinava tudo. E quando os médicos do quartel faziam-lhe alguma pergunta, ele desconversava, tapeava, perguntava mais coisas, falava com os doentes. E assim percorreu todos os leitos.

- Você têm ai panelões? Perguntou o Dr. Juca.

- Temos as panelas do rancho do quartel.

- Então, depois do meio-dia, depois que sair a refeição, façam fogo, encham os panelões de água. Amanha quando eu chegar, quero a água fervendo.

Virou-se para a enfermaria e falou bem alto, de modo que todos os doentes ouvissem:

- Separem aqueles que estão mal. Aqueles para os quais a medicina já não tem mais recurso, eu vou botá-los nos panelões e fazer deles um caldo para os outros que estão melhores.

- Doutor, e o remédio, o senhor não vai prescrever?

- Vou falar com o meu farmacêutico; ele vai preparar o remédio e trazer até aqui. Antes de se deitarem, os doentes deverão tomar duas colheres de sopa do preparado.

Chegou para o farmacêutico e ordenou:

- Cozinhe, aí, raiz de umbu com bosta de capivara e bote numas garrafas. Depois de preparado entregue para o enfermeiro do quartel.

Os doentes não pararam de correr a noite inteira. Era o quanto um se levantava da latrina, o outro sentava. Purgante como aquele ainda não tinha se visto...

No outro dia, o Dr. Juca chegou lá e foi direto examinar os panelões: todos estavam fervendo. Os doentes, todos com medo, suplicavam para o enfermeiro: “quero alta, já estou bom, já posso formar na tropa”...

O enfermeiro mandava:

- Deite, deite! Não saia da cama, você está doente!
- Não, eu já estou melhor. Eu já melhorei!

E foram se levantando, se escorando nas paredes... de modo que quando o doutor entrou na enfermaria, não havia mais nenhum na cama e todos pediam: “oi doutor, eu quero alta, já estou bom”.

- Como é seu nome? Perguntava o doutor e o enfermeiro anotava. Deu alta para todo o mundo.

Foi ao palácio do rei:

- Estão todos curados, Majestade, conforme a vossa vontade.
- O que é que o senhor quer em pagamento, Dr. Juca? Ouro, prata ou terras?
- Nada, Majestade. Fico satisfeito em ter servido a pátria.
- Você é solteiro ou casado?
- Sou solteiro Majestade.
- Então vou chamar a minha filha para casar-se consigo.

O Dr. Juca casou-se com a filha do rei e o Pedro com a filha do hotelheiro.

Mas deixa estar que a estória não acabou. Uma grã-fina que se hospedava no hotel soube do remédio milagroso e subornou uma

camareira para conseguir uma dose dupla para ela: passou a noite sentada no vaso, gemendo e dando descarga. Não deixou ninguém dormir.

## **O LADRÃO E O SAPATEIRO**

Eram dois irmãos muito jovens que saíram a andar pelo mundo. Viajaram muito tempo, até chegarem a uma encruzilhada. Resolveram se separar.

- Eu vou aprender a profissão de ladrão – disse o primeiro.

- Eu não. Essa ideia eu não tenho – disse o segundo. Vou aprender a profissão de sapateiro.

Cada um seguiu seu caminho.

O primeiro dos guris se empregou com um ladrão que era um verdadeiro mestre na arte de roubar. Após um ano de aprendizagem, dirigiu-se ao mestre e disse-lhe que já se achava em condições de trabalhar por conta.

- Vai depender de você fazer uma prova – disse-lhe o mestre.

Saíram a caminhar e viram uma árvore com um ninho onde uma pomba estava chocando seus ovos.

- Eu que sou o mestre, vou trepar na árvore e roubar os ovos daquela pomba, sem ela sentir. Depois você tentará repetir essa mesma proeza.

Então o ladrão-professor trepou, abriu o ninho por baixo e foi tirando os ovos de um a um e colocando-os no bolso. Desceu da árvore e disse para o aluno:

- Faça igual o que eu fiz estará em condições de receber o diploma.

Aí o guri disse:



- Vamos ver onde é que estão os ovos?

O ladrão levou a mão no bolso e não encontrou nada. Aconteceu que o guri tinha subido na árvore logo atrás do mestre, com um canivete bem afiado e tinha furado o bolso dele, tinha roubado os ovos, tinha descido bem depressa e agora mostrava o resultado do furto na palma da sua própria mão:

- Olha aqui, ó!

Diplomado com distinção naquele mesmo dia, o guri rapidamente ganhou a vida com gatunagens. Terminou indo morar na capital do reino, onde veio a se encontrar com o irmão sapateiro.

Um dia, os dois estavam passeando nas mediações e cruzou por eles um homem carregando um carneiro ao ombro. Daí o ladrão disse para o sapateiro:

- Sabe que eu vou tirar o carneiro do ombro daquele homem e preparar um churrasquinho para nós dois?

O sapateiro duvidou que o irmão conseguisse fazer aquele roubo.

- Então me dê um par de sapatos. Depois eu devolvo.

Passou à frente do homem com o carneiro e chegando a uma canhada largou no chão um dos pés de sapato e seguiu em frente levando o outro. O homem chegou ali, viu, mas não deu importância. “O que e que me adianta só um pé de sapato?” E continuou seu caminho.

Mais adiante, na outra canhada, o homem olhou para o chão e teve uma boa surpresa:

- Ó aqui está o outro pé de sapato! Vou buscar aquele lá atrás.

Largou o carneiro no meio da macega, bem maneado e deu volta. Mas o ladrão já tinha ido depressa requisitar o primeiro sapato, tinha voltado correndo e já escondia o carneiro num matinho. De modo que quando o homem chegou, não havia nem carneiro e nem sapato. O ladrão devolveu o par de sapatos ao irmão e comeram o churrasco.



Andando pela cidade, foi procurar onde é que o rei guardava o cofre que continha as onças de ouro. Uma noite, arrombou a parede e levou o que podia, sem deixar rastro. A polícia, não podendo descobrir o autor do roubo. Preparou uma armadilha.

- Ele vai voltar de novo. Ainda ficou muita onça ai que ele não pôde carregar. Ele vai voltar.

O sapateiro, com aquilo, se influiu e pediu para o irmão que o levasse lá, queria ficar rico também. Combinaram e de noite foram. Chegando lá, o irmão-ladrão viu que estava tudo como ele deixara.

- Olha, o rei nem notou o roubo que eu fiz. Esta tudo como eu deixei. Entre lá, tire o quanto você quiser, que eu fico aqui te esperando.

Passou o tempo esperado e o sapateiro não voltou. O irmão foi ver o que se passava e encontrou-o com o pescoço atorado por uma armadilha.

O ladrão, sentindo-se culpado da morte do sapateiro, planejou a vingança: roubou quase todo o dinheiro do rei, deixando só um pouquinho para que o rei se sentisse bem pobre, bem infeliz, por causa da malvadez de ter mandado botar aquela armadilha lá. Levou também, a cabeça do irmão, para dar-lhe sepultura no fundo do quintal, uma vez que o corpo todo não podia carregar.

O rei, então, imaginou uma maneira de descobrir o ladrão. Proibiu a venda de carne por trinta dias. Nos trinta dias mandou carnear uma vaca gorda e dependura-la na praça. Botou guardas para cuidar que o ladrão, passados trinta dias sem comer carne, ele teria, na certa, que ir roubar. O ladrão sabendo, foi dar uma olhada... já escolheu um bom pedaço de manta pra de noite ir buscar.

Então ele preparou uma garrafa de cachaça. Bem de tarde, passou em frente aos guardas, fingindo-se de bêbado. Os guardas pediram um trago de cana e ele disse que não dava de jeito nenhum.

- Você tem de nos dar um trago!

- Não dou!

Tomaram a garrafa dele. Ele desaforou os guardas e disse que ia buscar outra garrafa e que queria ver se eles eram homens para tomarem dele a outra também. Que ia dar um soco da direita para esquerda, na cara deles.

Trouxe. Os guardas, nem bem o enxergaram, foram encontra-lo. Tomaram-lhe a garrafa e deram-lhe uns tapas, uns empurrões e uns ponta-pés.

De noite, agarrou um saco e uma navalha e foi buscar o churrasco dele. Os guardas estavam todos dormindo, bêbados. Então ele raspou a cabeça de cada um, deixou-os com a cabeça alumiando e escreveu no couro pelado: durmam tranquilos que eu só vim buscar o meu churrasco.

No outro dia, já eram nove horas e o rei não sabia notícia dos guardas. Mandou ver o que havia acontecido. Os guardas ainda estavam dormindo, de cabeça pelada...

Como o rei ficou muito pobre, sem dinheiro para custear as despesas, resolvei espalhar boletim por toda a cidade perdando o ladrão e convidando-o para se apresentar... se apresentar para noivar com a princesa.

Hoje é herdeiro da coroa.



## **A ESTÓRIA DA PITA**

Era uma vez uma viúva pobre que tinha só um filho, mas esse filho não gostava de trabalhar. Muito maltrapilho, quase só, com um lenço no pescoço, andava ele com uma cadelinha chamada Pita e com uma espingardinha dessas taquari, de carregar pela boca.

Um rei tinha uma filha única. E ele combinou com a rainha que a filha só se casaria com alguém que lhe levasse enigmas que ele não pudesse decifrar; mas por outro lado, seria sentenciada a pena de morte para quem lhe levasse enigmas que ele conseguisse decifrar em meia tarde, num dia, em no máximo três dias. A princesa confirmou esse trato do rei e da rainha. Estavam indo ao palácio candidatos que queriam casar-se com a moça e ficarem meio donos do trono. Mas o rei era mesmo um danado para matar charadas. Quando os enigmas eram de fato difíceis, no máximos em dois dias ele desenredava. E lá se iam os candidatos para o fuzilamento.

Um dia o maltrapilho disse:

- Mãe, a senhor trabalha tanto. Estive pensando: - se eu levar perguntas que o rei não possa responder, ai eu caso com a princesa e a senhora não vai precisar se judiar desse jeito. E ai eu também não vou mais me envolver com trabalho nenhum...

- Que esperança. De jeito nenhum! Muitos moços sabidos, até doutores, já foram fuzilado à toa. Prefiro que você fique em casa, do meu lado, nem que você não faça nada. Te dou roupa, comida, tudo e você fica só pra minha companhia.

Então ele vivia em roda do fogo e a cadelinha dele alí, junto, na cinza. Ele, quando muito, dava uma volta para caçar.

Um dia, inventou:

- Eu vou! Amanhã cedo, chamo a Pita, pego a minha espingardinha e vou. Vou fazer as perguntas no palácio do rei. Vou mesmo!

A mãe, vendo o caso perdido, disse:

- Então eu vou fazer uns pães para você levar, pra você comer na viagem.

Ela fez uma fornada de pão, mas estava pensando assim: “se o rei acha que tem o direito de matar meu filho, mais direito tenho eu, como mãe, para não vê-lo sofrer no fuzilamento...” E pôs veneno na massa dos pães.

Entregou os pães, desejou sucesso na entrevista com o rei e ainda deu ao filho uma Bíblia e um livro de orações... de certo para ele chegar mais depressa ao céu... também deu um papel de carta e um lápis, para o caso do filho querer mandar notícias para ela.

Ele botou os pães numa das duas bolsas da malinha-de-garupa e atirou a malinha no ombro. Do outro ombro fez prender a espingardinha taquari. Pegou a Bíblia e o livro de orações. Deu adeus à mãe e botou o pé na estrada.

Mas ia meio desconfiado daquela encenação. Para tirar as dúvidas, moeu bem moidinho um pedaço de pão e colocou o farelo num carreiro de formigas. As formigas começaram a transportar, a transportar, mas não sabiam que era veneno o que carregavam. Tanto foi que veio uma formiga grande, a formiga-rainha, e disse:

- Olha moço, por essa alimentação que você está nos dando, se um dia o senhor se ver mal, em perigo de vida, é só gritar “Ai minha formiguinha!”

Que eu organizo o meu exército e te defendo.

Ele guardou aquilo na ideia e seguiu adiante.

Até aí, como as formigas só tinham transportado o farelo sem comer, ele não tinha ficado sabendo se o pão era envenenado ou não.

Mais adiante, ele notou que a Pita estava com muita fome; cortou um pedaço de pão e deu pra ela. Ela comeu, deu umas voltas e caiu morta.

Bem que ele tinha desconfiado.

Mesmo sabendo que a Pita tinha morrido envenenada, ele tirou o couro dela, fez um fogo e assou a carne. Colocou o assado do outro lado da mala e continuou a viagem.

A estrada fazia uma volta muito grande por causa de um mato onde se acoitavam sete bandidos que viviam de saquear os viajantes. Ele ia cruzando a picada e foi atacado pelos sete salteadores.

- Vamos ver ligeiro o que é que você tem aí dentro dessa mala!

Tomaram a mala e foram fazendo uma aluza:

- Olha, tem carne assada aqui!

- E pão novo!

- Já temos almoço!

Vamos almoçar já e depois a gente decide o que fazer com esse indivíduo.

- Te senta aí, infeliz!

Ele sentou e ficou esperando.

Cada um comeu um pedaço do churrasco com pão. Dali a uns poucos minutos, um caia pra um lado, outro pra outro... e lá se foram todos para o beleléu.

Aí ele largou no chão a sua espingardinha, escolheu um bom fuzil deixado por um dos bandidos mortos e seguiu viagem. Já ia pensando numa primeira história para contar ao rei: “a massa matou a Pita” – que foi



o pão – “ a Pita matou sete” – os sete bandidos – “de sete eu tirei um e ficaram os mesmos sete” – porque ele tirou um fuzil bom e deixou a taquari. E escreveu isso no papel.

Mais adiante, já fora do mato, atravessando um campo raso, ele quis experimentar a nova arma numa pomba. Apontou o trabuco, mas naquela que fez a pontaria ele não acertou, acertou em outra.

“Atirei no que vi e matei o que não vi”... – anotou no papel.

Estava com fome, queria assar a pomba, mas naquele campo raso não encontrava lenha. Então teve que fazer o fogo com a própria Bíblia e o livro de orações. Assou a pomba, mal e mal. Comeu. “Assei e comi com palavras santas”... – escreveu.

Sentiu sede. Naquela campanha não havia nem mato para lenha, nem água. Mas ele avistou um cavalo e atropelou, e atropelou, até que o pobre animal ficasse lavado de suor. Tirou o lenço do pescoço, encharcou-o de suor e espremeu-o na boca.

“Tomei água que não era da terra, nem do céu”.

Foi andando até que costeou um rio. E viu um rês morta descendo a correnteza, a boiar, com oito corvos em cima.

“Encontrei um morto carregando oito vivos...”

Depois desse rio, ele entrou num campo largo, de boa pastagem e foi encontrando muitas ovelhas. Tinha muitas perguntas. De repente, enxergou um negrinho sentado num cupim.

- O que é que você está fazendo? – perguntou.

- Estou cuidando desse rebanho.

- Como é que você, sentado, vai cuidar miles de ovelhas? É impossível.

- Eu não preciso me levantar daqui: quando quero, trago todas para perto de mim.

- Não, não é possível! Como é que você vai fazer isso?

O negrinho puxou do bolso do colete um apito e deu um assobio forte: vieram ovelhas de todas as coxilhas e se reuniram perto dele.

- Agora fica fácil de olhar. Pouca caminhada e eu vejo todo o rebanho.

- Você tem que me vender esse apito!

- Não vendo por dinheiro nenhum.

- Você tem que me vender!

O negrinho não quis vender, pois era o Negrinho do Pastoreio. Eu sei que ele pegou o Negrinho, derrubou o Negrinho, tomou o apito e levou. Levou o apito e deixou o Negrinho chorando lá no cupim.

Tanto foi que chagou ao Palácio Real. Disse para o guarda:

- Venho trazendo uma porção de perguntas para a Majestade; quero ver se caso com a filha dele, com a princesa.

O guarda ficou pensando: “O que é que vem fazer este molambo... ainda com essa arma na mão? Em todo o caso, o rei não estipulou o tipo de homem que podia se apresentar. Basta que venha trazer enigmas e, então, esse está na conformidade.

- O senhor tem que aguardar a sua vez. Há uns quantos na sua frente.

Dali a pouco um soldado desceu e fuzilou-o. desceu com outro, fuzilou também. Assim foi com todos até chegar a vez dele. Ele foi levado até uma sala-de-espera, onde olhe pediram que entregassem o papel onde estavam escritos os enigmas. E foram entregar o papel ao rei, no salão dele.

O rei começou a ler: “A massa matou a Pita, a Pita matou sete, dos sete tirei um e ficaram sete. Depois fui mais adiante e atirei no que vi e matei o que não vi. Assei e comi com palavras santas.”



O rei começou a ficar nervoso e a demonstrar impaciência... Como é que ele ia saber?

Continuou lendo os enigmas: “Depois fui mais adiante e tomei água que não era da terra nem do céu. Encontrei um morto carregando oito vivos.”

O rei começou a pensar, pensar, a pensar e a cabeça começou a doer.

Veio a princesa e perguntou:

- O senhor está sentindo alguma coisa, pai?

- Tem aí na sala um candidato que me trouxe enigmas indecifráveis.

A princesa resolveu dar uma olhada na sala, quem sabe que moço bonito estava lá!

Foi e viu aquele molambento com um fuzil na mão. Se apavorou. Correu ao quarto da rainha e se abraçou com ela, chorando. Depois, com decisão, resolveu tentar decifrar os enigmas.

- Pai, vou lhe ajudar! Por amor de Deus, preciso lhe ajudar!

Foi a noite, e foi o segundo dia, e nem o rei, nem a princesa conseguiam decifrar.

Na manhã do terceiro dia, a princesa começou a chorar:

- Pai, procure um recurso em tempo; o senhor tem o direito de pedir mais prazo.

- Palavra de rei, não volta atrás!

Mas, ao se vencer o terceiro dia, ele voltou atrás e foi pedir humildemente:

- Você me dá mais um prazo?

- Tendo cama e boia, eu te dou mais prazo. Te dou mais três dias.

- Então tá.

O rei, que estava com má intenção, disse:

- Então caducou o nosso trato, porque eu tinha estipulado só o prazo de três dias. Como tudo voltou atrás, então posso exigir de você mais obrigações. Eu tenho no meu pátio três preás, marcadas a ferro quente com a minha marca. Vou soltá-las no banhado e você terá que me trazê-las em três dias. Tome esta gaiola e se mande!

Um peão soltou as preazinhas num banhada! Que era puro macegão, começou a se lembrar da mãe. “Ela não queria que eu viesse, ela já estava atinando que o rei iria me matar. Estou liquidado...”

Mas aí teve uma ideia:

- E aquele negrinho que eu deixei chorando?... O apito dele!

Procurou o apito no bolso e encontrou-o. Apitou e vieram as três preazinhas correndo e entraram na gaiola. Era misterioso mesmo o apito. Soltou-as. Deu novo apito e elas voltaram.

- Agora vou soltar, que elas pastem à vontade.

No primeiro dia, bem de tarde, o rei apareceu por lá, para espionar a coisa e foi disfarçado com roupas de um simples mandalete. Mas o rapas logo reconheceu que era a voz do rei, quando este lhe falou:

- Muito boa tarde! O que é que está fazendo aí?

Ele nem pestanejou e contou:

- Estou cuidando de três preazinhas que daqui a dois dias vou levar para o rei, para poder me casar com a filha dele.

- Mas como é que você vai pegar esses bichinhos nesse atolador cheio de caragatás?

- Ah! Isso são tantas vezes quantas eu queira.

- De que jeito?

Ele puxou o apito. Apitou. Vieram as três preazinhas e entraram na gaiola. O rei examinou-as e viu que estavam com a marca dele.

- Moço, você não quer me vender uma dessas preás ou as três?

- Não posso vender, de jeito nenhum, senão eu não me caso com a filha do rei.

- Mas lhe dou o quanto você quiser em ouro e prata.

- Quantia nenhuma!

Mas teve uma ideia e acrescentou:

- Há um único jeito de eu lhe ceder uma delas...

- Qual é?

- Só se o senhor permitir que eu lhe dê um laço bem forte no lombo.

Era uma barbaridade, mas como não topar? Seria a única maneira de salvar a filha ( e ele também) das mãos de um sujeito daqueles. Olhou para um lado e outro. Viu que não havia ninguém para assistir a vergonhosa cena e suspirou:

- Aceito.

- O molambento foi até um matinho que havia perto, cortou cipós, fez um trançado a capricho e voltou para junto do rei. Oitavou o corpo e deu um laço daqueles! O rei chegou a bufar de dor.

- Agora pode levar a sua preá.

O rei, todo doído das paletas, levou a preá. Quando ia cruzando uma macega alta, um macegão, o molambo apitou e a preazinha pegou a espernear, a morder, a cravas as unhas até que o rei se viu mal e deixou-a cair no meio da macega; o rei ainda se boleou em cima, tentando prendê-la com o corpo. Nem notícias! Foi reaparecer lá dentro da gaiola.



Chegou ao palácio com as mãos saindo sangue. Contou para a filha que o molambento tinha feito isto e aquilo com o apito, contou tudo, mas não teve coragem de contar que tinha levado no lombo aquele baita laçoço.

A princesa terminou indo cochichar com a rainha:

- Mãe, a senhor vá lá e dê um jeito de trazer um bicho daqueles, que o pai parece que não está tomando muito interesse. Veja se me defende de casar com aquele molambo.

A rainha se disfarçou numa velha enrugada e foi. Mas de longe ele viu e adivinhou que a futura sogra queria propor algum novo negócio.

- Muita boa tarde! O que e que você está fazendo aqui?

E se repetiu tudo, com a proposta de compra de uma preá.

- Que esperança! Por dinheiro nenhum!... – até que veio a condição final: Só se a senhor deixar eu lhe dar dois laçoços com toda a minha força.

Ela consentiu.

E apanhou feio.

E agarrou a preá para levar.

Ela ia levando a preazinha e ele apitou. Aquela preá começou a corcovear e a espernear, a morder e arranhar as mãos da mulher e a mulher terminou se atirando em cima da preá para tentar esmagá-la, pois bastava que uma das três morresse para o molambento perder a prova. Mas, com tudo isso, o bichinho escapou pelo meio das macegas e foi parar lá na gaiola.

A rainha chegou ao palácio e queixou-se para a filha:

- Não há jeito. Aquela homem misterioso dá um apito e a preá escapa mesmo.

A princesa disse:

- Garanto que eu trago! Nem que ela me charqueie as mãos. Mortas, nem que seja.

Foi.

- Ah! A noivinha vem vindo. Agora vai tocar a vez dela apanhar, de entrar no laço...

Fez as mesmas propostas.

- Nem ouro, nem prata. Só há uma condição: você tem que deixar eu te dar três laços. Ela deixou.

- Agora você pode levar uma preá.

No segundo apito a noivinha não aguentou. Largou a preá e foi-se embora com as mãos todas lanhadas.

Na tarde do terceiro dia, que era quando venciam o prazo, foi um piquete a mando do rei para trazê-lo e as preás. O rei já sabia o resultado. A notícia se espalhava e muita gente vinha de toda a parte do reino. Muitos diziam: Isso é castigo! O rei já matou muitos rapazes, moços em condições e agora vai ter que casar a filha com aquele sujeito. Chegavam carruagens e cavaleiros de toda a parte.

O rei procurou novamente o rapaz e disse:

- Já que você me deu mais três dias e com isso caducou o nosso primeiro trato, agora eu tenho o direito de te fazer quantas perguntas quiser, ou qualquer outra tarefa. Vou te dar tarefas e toda essa multidão que aguarda vai testemunhar se você merece casar com a princesa.

- Tá. pode ordenar o que quiser.

- Você tem de encher um saco de mentiras.

- Então o senhor mande me trazer uma bolsa que não passe ar, três atilhos e dois homens: um para segurar e outro para atar. Agora, quando eu mandar, um segura e o outro assopra e dá um nó. Dirigiu-se para a multidão e disse:



- Ontem eu dei um laço, com toda a minha força, no lombo de Sua Majestade.

O rei disse:

- É mentira!

O povo todo repetiu:

- É mentira!

Ele mandou assoprar dentro do saco e atar a bola de ar.

- E ontem eu dei dois laços, com toda a minha força, em sua Majestade a rainha.

A rainha gritou:

- É mentira!

E todo aquele povo, por puxa-saco, também gritou:

- É mentira!

Outro assopro e outra bola de ar ficou presa.

E o molambo continuou garganteando...

- E hoje, agora bem de tarde, eu dei três laços na princesa.

Ela gritou:

- É mentira!

E o povo gritou a mesma coisa.

Deu-se o terceiro sopro, encheu-se a bolsa. Então ele disse:

- Está aqui! Aqui está a mentira da família real e de todo o povo. Eu caçei todas as mentiras: do senhor, da rainha, da princesa e de todo esse povo aí. Está aqui o saco de mentiras.

Então a filha disse:

- Pai, invente outra coisa, a última... ou o casamento ou a morte! Invente uma tarefa para amanhã cedo.

O rei dirigiu-se ao molambo e perguntou:

- Você me dá permissão para mais uma sentença?

- Dou. Tenho cama e boia, pode fazer mais uma.

O rei, então, mandou buscar um saco de arroz, um saco de aveia e um de cavada... Fez um montão e mandou misturar, bem misturados aqueles muitos alqueires de sementes.

- Agora, você tem que separar todo o arroz de um lado, a aveia do outro e a cevada do outro, em três partes. Onde eu achar um grão de arroz no meio da cevada, ou da aveia, você está mal.

O rei sabia que ele não poderia fazer tudo numa noite. Ainda mais que mandou trancar o molambo num quarto escuro e levou a chave e o lampião. Quando foi pela manhã, o povo começou a chegar. Era a última sentença. Ou casa, ou morre!

Essa aí não tem jeito. Ele não escolhe nem cem sementes. Todos diziam: o coitado vai morrer, bobalhão, podia estar casado...

Eu sei que ele esteve pensando que a saída de casa e se lembrou das formigas.

- É isso mesmo, a formiga se prontificou aquela vez. Quando eu me visse em perigo... e agora é de vida ou morte!

Gritou no escuro:

- Ai de mim, minha formiguinha!

- O que é que há contigo?

- Eu tenho que separar essas três qualidades de sementes. Se a tarefa não estiver pronta ao clarear do dia, o rei manda me matar.

- Então espera aí um pouco, que eu vou dar uma olhada.



Ele ficou sentado na cama, no escuro, enquanto a rainha das formigas foi fiscalizar o monte misturado. Examinou bem e perguntou:

- Você tem sono?

- Eu tenho!

- Pode deitar e dormir que eu vou chamar o meu pessoal.

Dali há umas horas da noite, já de madrugada, ele se acordou e ouviu aquela estralada e disse:

- Ôi bicharedo, estão se virando bonito!

Daí a rainha das formigas disse:

- Pode continuar dormindo, já estamos com a empreitada quase pronta.

De madrugada, estava clareando o dia... no quarto fechado era tudo escuro... veio o rei, veio a princesa e veio a rainha. Abriram a porta e ele sentou-se na cama esfregando os olhos, dando mostra de que gaiva dormido a noite inteira. Foram lá no monte de arroz, só puro arroz; no monte de aveia, só pura aveia e no monte de cevada, só pura cevada.

Ai a princesa disse:

- Pai esse homem é mentiroso, esse homem é encantado.

Começou a imaginar coisas: quem sabe que feliz casamento que eu vou ter, pois ele demonstrou que dormiu toda a noite e os três montes estavam separados. Atirou-se nos braços dele...

O casamento foi ontem à tarde, as cinco e meia da tarde!





## **O CAÇADOR MEDROSO**

Era uma vez um caçador, que tinha muito medo de tigre. Quando ele encontrava um rastro, fugia para casa e passava dias em roda do fogo, até que o medo passasse. Os caçadores vizinhos, volta e meia, encontravam um tigre e traziam o couro ara casa. O medroso sempre dizia:

- Vocês têm é sorte. Dão uma voltinha por ai e já matam um tigre. Eu procuro como quem procura uma joia e não acho nenhum.

Os caçadores ficaram com pena dele. Um dia encontraram um tigre. Balearam muito e o couro ficou cheio de furos e então decidiram:

- Vamos dar um pedaço do couro desse tigre pra fazer um bocó. Ele está mal de bocó pra carregar munição e mantimentos.

Deram aquele couro, todo furado de balas.

Um dia, o caçador medroso pegou sua espingarda e foi inaugurar o bocó. Quando viu, estava com um tigre em pé, na frente dele! Com o susto, atirou a arma pra trás, via bem de perto as malhas do couro do tigre e corria mais ainda. Mas o que ele estava vendo não era o tigre, coisa nenhuma: era o próprio bocó. De repente, o bocó enroscou num espinho de taquara, escapou e veio na cara dele. Quando viu aquelas malhas em frente aos olhos, encostou-se numa árvore e se entregou.

- Tá com fome, come! Come bandido!

Passado o susto, foi-se embora. Nem a arma procurou.

No outro dia, viu-se uma corvada sobre o mato. É que tinha acontecido o seguinte: quando o caçador medroso tinha atirado a arma longe, o cão tinha batido contra uma raiz, que detonou o cartucho, e a bala

tinha pegado bem na cabeça do tigre. Os vizinhos foram ver o que havia naquele mato com os corvos.

- olha, ele pegou um tigre, mas perdeu o couro. Os corvos estão estragando.

## **O GALPÃO MAL ASSOMBRADO**

Um fazendeiro morava ai no Pulador, numa casa grande. No girau do galpão, guardava o milho e a alfafa para os cavalos de trato; a bata doce do café da manha, assada no borralho, ou cozida na panela para mistura com o apoio. Mas era muito assombrado esse galpão. De noite ouvia-se barulho de coisas arrastadas, batidas, gritos e gemidos de gente. Também na casa aparecia assombro, não deixando ninguém dormir. E aparecia um negro, lá, que andava assustando todo mundo. Tanto foi que o fazendeiro resolveu mudar a casa, mas deixar o galpão. Mudou distante mais ou menos uns três quilômetros, para poder dormir direito.

Se mudou.

Naquele tempo, passavam por ali muitos cargueiros e muitas carretas carregadas de mercadorias. Quando vinham pedir pouco para ele, ele dizia que aquele galpão, de fato, lhe pertencia, que podiam dormir lá, mas se eles se assustassem, que não viessem incomodar, gritando de medo.

Todos os que iam dormir no galpão, chegando a noite, saíam de lá correndo, apavorados. Até que um dia apareceu um moço chamado Xandico, com sua tropilha de cargueiros e também pediu pouso.

- Olha, você pode pousar lá naquele galpão, que me pertence, mas só vou te pedir que não venha me incomodar, porque lá, de noite, aparece um negro...

- Não, se ele aparecer, eu darei um jeito. Se é vivo ou se é morto, eu não me importo. Não me assusto com nada.

Então, o Xandico chegou lá, tirou a bruaca das mulas e soltou os animais. Fez fogo, aqueitou a água pro chimarrão, espetou um pedaço de charque para assar e já deixou a espada ali ao lado, de jeito, que naqueles tempos todos os moços usavam espada, mesmo para enfeite. Mal



começou a pingar a gordura do charque na brasa, ouviu a voz mal assombrada vinda do jirau: “Eu caaaaaio!”

- Pode cair!

Caiu um quarto de gente. Ele olhou e não teve medo.

Xandico estava olhando aquele quarto de gente caído ali, bem perto do fogo e a mesma voz repetiu “Eu caaaaaio!”

- Pode cair!

Caiu outro quarto.

A voz reapareceu: “Eu caaaaaio!”

Eu não estou atacando, pode cair de uma vez e deixe de incomodar!

Aí caiu um braço, caiu outro braço, a tripada, as fissuras, os bofes, a caixa do corpo e por fim caiu a cabeça, rolando no chão. E aquilo tudo virou num negro com um sapo no espeto. O negro veio para assar o sapo junto com o charque gordo dele. O Xandico deu de mão na guarnição da espada e falou:

- Olha negro, retire esse teu sapo pra lá, se não eu te dou um estouro.

Aquele espeto do negro virou numa espada e já começaram a bater ferro. O Xandico se defendendo e carregando e metia a espada no negro e o negro caía fora, e foram terçando armas e nenhum pegava o outro. O negro também era bom no ferro branco.

Foi indo, que quando o galo cantou, o negro disse:

- Olha, de todos os que eu botei a correr, você foi o único que me resistiu. Fui encarregado pelo meu senhor de guardar um enterro de dinheiro...

- Onde é que está o dinheiro?

- La naquele canto do galpão.

- Você não me deixou comer nada, não me deixou dormir até esta hora, estou muito cansado, você agora vai tirar o enterro. Vai cavocar e tirar o enterro para mim.

Levou o negro na ponta da espada, cutucando. O negro ficou tão assustado com aquela resistência dele que cavocou ligeiro e tirou um tacho cheio de dinheiro.

- Agora – disse o negro – só tem uma coisa: você tem que dividir essas onças e libras em quatro partes iguais, uma pra você, uma pros pobres, outra para Igreja e outra pras almas.

Então o Xandico dividiu e pegou a parte dele.

E o que é que fez com os outros três montes que sobraram?

- Bem... este é para a Igreja e eu também faço parte da Igreja... – disse puxando o monte para junto dele.

O negro estava de boca aberta e não disse nada.

Este outro é para as almas e eu também tenho alma...

O negro viu o Xandico puxar para junto dele o terceiro monte de moedas.

- E como também pertença aos pobres, este último também fica para mim.

Botou toda aquela dinheirama dentro de duas bruacas e com ela comprou quatro fazendas.

## **TEM QUE TER VENENO**

O Lourival fez roncar a cuia de mate, passou adiante e iniciou a prosa:

- “Eu tinha uma taquari que não matava nada. Combinei uma caçada de tatu com um caboclo conhecedor das caseiras; levamos o melhor cachorro tateiro e na boca da noite estávamos atando os cavalos na costa de um capão. Nisso o cachorro começou a ganir no meio das macegas e já sentimos o cheiro de zorrilho. O companheiro sentenciou:

- Mate, mate esse bicho e vamos embora porque a caçada está estragada.

“Já por não confiar na taquari, cheguei bem pertinho e apertei fogo. O danado do bichinho ficou fungando e batendo com as mãozinhas no chão. Nem se importou com o tiro, ficou me desafiando. “ “ Seu Lourival – falou o caboclo – sua arma não tem veneno. Arma, para ser boa, tem que ter veneno”.

“Outro dia sai a caçar e encontrei uma cobra cruzeira enrodilhada, tomando sol pra aquecer o sangue. Não tive dúvidas, com a ponta do cano da espingardinha esmaguei a cabeça dela, bem esmagada. Com isso, o sangue da cobra, misturado com o veneno, entrou para dentro do cano da arma. Deixei assim, não limpei”.

“Em outra ocasião resolvi experimentar se a arma estava mesmo envenenada. Foi quando eu enxerguei um bugiu na copada de uma grápia que mais parecia um sagui, de tão alto que estava. Firmei a taquari numa forquilha, dormi na pontaria e preguei-lhe no fogo. Só vi quando o bicho desgrudou-se do galho e se veio. Mas era tão alta essa grápia, que quando o bicho caiu no chão, já estava com vareja, as moscas já haviam botado vareja na ferida”.



“ Certa feita eu ia por um picada, de a cavalo, quando ouvi um barulho estranho nas copas das árvores. Olhei e vi que era uma cobra que me negaceava por cima dos galhos. Apontei a minha taquari, com confiança...”

A essa altura, chegou o Juvenal, mais atrasado da campereada e interrompeu a prosa:

- Buenas, contando mais um causo, seu Lourival?

O Lourival e o Juvenal se apertaram as mãos e perguntaram pelos familiares, pois há tempos não se viam.

- E daí, Lourival? Matou ou não matou o bicho? – perguntou outro da roda. – Não matei, mas tirei penas.



### Catálogo de livros do Projeto Passo Fundo

1	<a href="#">Picanhas 2ª Ed</a>	Livro	Araldi, H
2	<a href="#">Cerrito do Ouro à Coxilha</a>	E-book	Ayres, O
3	<a href="#">Receitas Vegetarianas</a>	E-book	Bodah, E
4	<a href="#">Conversa entre educadoras: do dia-a-dia</a>	E-book	Bodah, E
5	<a href="#">Conversa entre educadoras -Novos Diálogos</a>	Livro	Bodah, E
6	<a href="#">Conversa entre educadoras -Novos Diálogos</a>	E-book	Bodah, E
7	<a href="#">Conversa entre educadoras -do dia-a-dia</a>	Livro	Bodah, E
8	<a href="#">A noite</a>	E-book	Both, A
9	<a href="#">A cuidadora</a>	E-book	Both, A
10	<a href="#">Radiografia das Emoções</a>	E-book	Camargo, H
11	<a href="#">Radiografia das Emoções</a>	Livro	Camargo, H
12	<a href="#">Musica e educação / o contrabaixo e a bossa</a>	E-book	Cararo, G
13	<a href="#">Música e educação / o contrabaixo e a bossa</a>	Livro	Carraro, G
14	<a href="#">Galileu é meu pesadelo</a>	E-book	Cunha, G
15	<a href="#">A ciência como ela é...</a>	E-book	Cunha, G
16	<a href="#">Cientistas no divã</a>	E-book	Cunha, G
17	<a href="#">Juvenilidade</a>	E-book	Damian, G
18	<a href="#">O mais querido da cidade</a>	E-book	Damian, M
19	<a href="#">Futebol de Passo Fundo</a>	E-book	Damian, M
20	<a href="#">Eleições em Passo Fundo</a>	Livro	Damian, M
21	<a href="#">Enciclopédia do Futebol Gaúcho</a>	Livro	Damian, M
22	<a href="#">Permitam-me Sonhar</a>	E-book	Dinarte, C
23	<a href="#">Nós, entre o Céu e a Terra</a>	E-book	Dinarte, C
24	<a href="#">Poesia -Um Passe de Mágica</a>	E-book	Dinarte, C
25	<a href="#">Emoções</a>	E-book	Dinarte, C
26	<a href="#">Emoções</a>	Livro	Dinarte, C
27	<a href="#">Via Rápida</a>	E-book	Du Bois, P



28	<a href="#">Via Rápida</a>	Livro	Du Bois, P
29	<a href="#">Brevidades</a>	Livro	Du Bois, P
30	<a href="#">Brevidades</a>	E-book	Du Bois, P
31	<a href="#">Micos e microfones: Relatos humorados sobre rádio e televisão</a>	E-book	Fernandes, H
32	<a href="#">Micos e Microfones : Relatos humorados sobre rádio e televisão</a>	Livro	Fernandes, H
33	<a href="#">Cronologia do Ensino em Passo Fundo</a>	E-book	Gehm, D
34	<a href="#">Genealogia -Telmo e Margarete Gosch</a>	E-book	Gosch, T
35	<a href="#">Crepúsculo Vazio</a>	E-book	Machado, A
36	<a href="#">Pântano Florido</a>	E-book	Machado, A
37	<a href="#">Saфра Amarga</a>	E-book	Machado, A
38	<a href="#">eu resisti também cantando</a>	Livro	Monteiro, P
39	<a href="#">eu resisti também cantando</a>	E-book	Monteiro, P
40	<a href="#">A campanha da legalidade em Passo Fundo</a>	E-book	Monteiro, P
41	<a href="#">A trova no espírito santo :história e antologia</a>	E-book	Monteiro, P
42	<a href="#">O massacre de porongos &amp; outras histórias gaúchas</a>	E-book	Monteiro, P
43	<a href="#">Combates da revolução federalista em Passo Fundo</a>	E-book	Monteiro, P
44	<a href="#">A trova no Espírito Santo</a>	E-book	Monteiro, P
45	<a href="#">O massacre de porongos &amp; outras histórias gaúchas</a>	Livro	Monteiro, P
46	<a href="#">Viaje no Tempo</a>	E-book	Nascimento, W
47	<a href="#">Sonhos Vicentinos</a>	E-book	Nascimento, W
48	<a href="#">A história da C Paroquial São Judas Tadeu</a>	E-book	Nascimento, W
49	<a href="#">Conheça Passo Fundo, Tchê!</a>	E-book	Nascimento, W
50	<a href="#">Dona Heloisa -Memórias</a>	E-book	Nascimento, W
51	<a href="#">De Capela a Catedral</a>	E-book	Nascimento, W
52	<a href="#">Academia da Bocha</a>	E-book	Nascimento, W
53	<a href="#">Casamento Compromisso LP</a>	E-book	Nascimento, W

54	<a href="#">Maragatos e Pica-Paus</a>	E-book	Nascimento, W
55	<a href="#">Perfil da Academia PFundense Letras</a>	E-book	Nascimento, W
56	<a href="#">A Pregação dos Tradicionalistas</a>	E-book	Nascimento, W
57	<a href="#">Dona Heloisa -Memórias</a>	Livro	Nascimento, W
58	<a href="#">Vultos da História de P.Fundo</a>	Livro	Nascimento, W
59	<a href="#">Construindo Passo Fundo 1857-2007</a>	DVD	Nascimento, W
60	<a href="#">À esquerda</a>	Livro	Noal, H
61	<a href="#">À esquerda</a>	E-book	Noal, H
62	<a href="#">Meninos do Crack</a>	Livro	Nonemacker, A
63	<a href="#">Fúnebre cortejo &amp; outras histórias</a>	E-book	Nunes, L
64	<a href="#">Fúnebre cortejo &amp; outras histórias</a>	Livro	Nunes, L
65	<a href="#">A bolsa da minha mãe</a>	E-book	Perez, J
66	<a href="#">A bolsa da minha mãe</a>	Livro	Perez, J
67	<a href="#">Fugaz Idade</a>	Livro	Perez, J
68	<a href="#">Coletânea de Poemas 2011</a>	Livro	Projeto
69	<a href="#">Coletânea de Poemas 2011</a>	E-book	Projeto
70	<a href="#">Contos SCI-FI -Além da imaginação</a>	E-book	Scofield, V
71	<a href="#">SCI-FI -Tales beyond imagining</a>	E-book	Scofield, V
72	<a href="#">Genius -O relógio do tempo</a>	E-book	Scofield, V
73	<a href="#">Gênios -origem</a>	E-book	Scofield, V
74	<a href="#">Genius -origem</a>	Livro	Scofield, V
75	<a href="#">15 dias que abalaram Passo Fundo</a>	E-book	Tasca, I
76	<a href="#">15 dia que abalaram P.Fundo</a>	Livro	Tasca, I
77	<a href="#">Crônica sobre uma querência hospitaleira</a>	Livro	Tasca, I
78	<a href="#">Canção da liberdade</a>	E-book	Valle, J
79	<a href="#">Cânticos do amor à vida</a>	E-book	Zauza, G
80	<a href="#">Solidão e dor</a>	E-book	Zauza, G
81	<a href="#">Energia psíquica e psicoterapia objetiva</a>	E-book	Zauza, G
82	<a href="#">Divã Lágrimas e libertação</a>	E-book	Zauza, G



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura



Projeto  
**Passo Fundo**  
Atividades culturais



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

